



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
INSTITUTO DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO
CURSO DE ARQUIVOLOGIA**

GISELE MENESES DE PAULA ALMEIDA SOUSA

**PERSPECTIVAS E POSSIBILIDADES DE ATIVIDADES DE MEDIAÇÃO DA
LEITURA REALIZADAS POR ARQUIVISTAS**

**Salvador
2022**

GISELE MENESES DE PAULA ALMEIDA SOUSA

**PERSPECTIVAS E POSSIBILIDADES DE ATIVIDADES DE MEDIAÇÃO DA
LEITURA REALIZADAS POR ARQUIVISTAS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Colegiado do Curso de Arquivologia do Instituto de Ciência da Informação da Universidade Federal da Bahia, como requisito parcial à obtenção do grau de Bacharel em Arquivologia.

Orientadora: Prof^a Dr^a Raquel do Rosário Santos.

**Salvador
2022**

MEC UFBA Instituto de Ciência da Informação - Biblioteca

S725

Sousa, Gisele Meneses de Paula Almeida

Perspectivas e possibilidades de atividades de mediação da leitura realizadas por Arquivistas./ Gisele Meneses de Paula Almeida Sousa.- Salvador, 2022.
62fls.

Orientadora: Profª Drª Raquel do Rosário Santos

TCC (Trabalho de Conclusão de Curso) Bacharelado em Arquivologia Universidade Federal da Bahia Instituto de Ciência da Informação, Salvador 2022.

1. Arquivologia – mediação da leitura 2. Arquivistas - mediação da leitura 3. Arquivo – documentos textuais e iconográficos I. Universidade Federal da Bahia, Instituto de Ciência da Informação II. Título

CDU: 930.25:025.5

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
INSTITUTO DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO
COLEGIADO DO CURSO DE ARQUIVOLOGIA

TERMO DE APROVAÇÃO

Gisele Meneses de Paula Almeida Sousa

**Perspectivas e possibilidades de atividades de mediação da leitura
realizadas por arquivistas**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) submetido à aprovação da Comissão Examinadora como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Arquivologia, pelo Instituto de Ciência da Informação da Universidade Federal da Bahia, em 05 de dezembro de 2022.

EXAMINADORES:

Raquel do Rosário Santos
Doutora em Ciência da Informação (UFBA)
Professora do ICI/UFBA

Maíra Salles de Souza
Doutora em Ciência da Informação (UFBA).
Professora do ICI/UFBA

Gleise da Silva Brandão
Doutora em Ciência da Informação (UFBA)
Professora do ICI/UFBA



Emitido em 05/12/2022

TERMO DE AVALIAÇÃO Nº 57/2022 - ICI (12.01.31)

(Nº do Protocolo: NÃO PROTOCOLADO)

(Assinado eletronicamente em 15/12/2022 17:15)

GLEISE DA SILVA BRANDAO

PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR

DFPI/ICI (12.01.31.09)

Matricula: 3204679

(Assinado eletronicamente em 14/12/2022 13:40)

MAIRA SALLES DE SOUZA

PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR

DFPI/ICI (12.01.31.09)

Matricula: 2294365

(Assinado eletronicamente em 14/12/2022 14:09)

RAQUEL DO ROSARIO SANTOS

PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR

DDI/ICI (12.01.31.02)

Matricula: 2280357

Para verificar a autenticidade deste documento entre em <https://sipac.ufba.br/public/documentos/> informando seu número: **57**, ano: **2022**, tipo: **TERMO DE AVALIAÇÃO**, data de emissão: **14/12/2022** e o código de verificação: **5113ee340c**

Dedico aos meus amados pais,
José Humberto e Angelita Meneses.

AGRADECIMENTOS

A Deus, o amado da minha alma, por estar comigo e me guiar em todas e quaisquer circunstâncias da minha vida.

A minha família e parentes, que com amor, cuidado, provisão e orientação, me auxiliaram na minha vivência enquanto estudante de Arquivologia na Universidade Federal da Bahia - UFBA.

A UFBA, em especial ao Instituto de Ciência da Informação (ICI), que possibilitou o meu desenvolvimento quanto futura arquivista e como ser humano, na medida em que me proporcionou conhecer pessoas essenciais na minha jornada profissional e na construção do meu eu.

A minha orientadora, Raquel do Rosário Santos, que me acolheu no GEPEMCI e investiu em mim, ainda nos meus primeiros anos na UFBA. Assim, desde 2019 a professora Raquel tem estado comigo me incentivando e me ajudando em questões para além de perspectivas acadêmicas. Serei infinitamente grata por cada troca, aprendizado, e por me orientar na construção deste trabalho, de forma que esse momento foi leve e harmonioso.

A Profa. Gleise Brandão e a Profa. Maíra Salles por aceitarem compor a Banca Examinadora do meu TCC. Sinto-me feliz em saber que tive a contribuição de profissionais exemplares na minha formação e ainda de poder desfrutar disso neste momento ímpar que é a conclusão do curso.

Agradeço também, aos meus amigos e colegas por cada palavra de incentivo e motivação neste ciclo.

Muito obrigada!!

RESUMO

A mediação da leitura realizada por arquivistas é o tema deste trabalho de conclusão de curso, cujo objetivo foi analisar como os arquivistas vêm realizando as atividades de mediação da leitura, quais os documentos utilizados e práticas realizadas, como também tais ações de leitura são relacionadas às funções arquivísticas. Para alcançar o objetivo geral foram traçados os seguintes objetivos específicos: mapear as atividades de mediação da leitura realizadas por arquivistas; levantar os documentos utilizados nas atividades de mediação da leitura; identificar quais as funções arquivísticas são associadas às atividades de mediação da leitura pelos profissionais de Arquivologia que as desenvolvem. Quanto à metodologia, esta pesquisa configura-se como exploratória, em que foi utilizado o método levantamento de campo. Os dados foram coletados através de um questionário *online* e analisados com base na abordagem quantitativa e qualitativa. A análise dos resultados conduz a percepção de que os arquivistas são mediadores da leitura, e realizam atividades de mediação da leitura com os documentos de arquivo, com destaque para os documentos textuais e iconográficos. Os arquivistas também relacionam as ações de mediação da leitura com as funções arquivísticas, difusão e descrição. Conclui-se que as atividades de mediação da leitura são essenciais para uma atuação proativa do arquivista e que essas atividades mediadoras podem contribuir na formação dos sujeitos-leitores, por meio da apropriação da informação, de forma a ressignificar as instituições arquivísticas.

Palavras-chave: leitura; mediação da leitura; arquivista-atuação.

ABSTRACT

PERSPECTIVES AND POSSIBILITIES OF READING MEDIATION ACTIVITIES CARRIED OUT BY ARCHIVISTS

The mediation of reading carried out by archivists is the subject of this course conclusion work, whose objective was to analyze how archivists have been carrying out reading mediation activities, which documents are used and practices carried out, as well as such reading actions are related to the archival functions. To achieve the general objective, the following specific objectives were outlined: to map the reading mediation activities carried out by archivists; raise the documents used in reading mediation activities; identify which archival functions are associated with reading mediation activities by archival professionals who develop them. As for the methodology, this research is exploratory, in which the field survey method was used. Data were collected through an online questionnaire and analyzed based on a quantitative and qualitative approach. The analysis of the results leads to the perception that archivists are reading mediators, and carry out reading mediation activities with archival documents, with emphasis on textual and iconographic documents. Archivists also relate reading mediation actions to archival functions, dissemination and description. It is concluded that reading mediation activities are essential for a proactive action by the archivist and that these mediating activities can contribute to the formation of subject-readers, through the appropriation of information, in order to re-signify archival institutions.

Keywords: reading; reading mediation; archivist-acting.

SUMÁRIO

		f.
1	INTRODUÇÃO	9
2	REVISÃO DA LITERATURA	12
2.1	ATUAÇÃO ARQUIVISTA: (RE)CONHECENDO FUNÇÕES E ATIVIDADES QUE COLABORAM COM A FORMAÇÃO DOS SUJEITOS LEITORES	12
2.2	LEITURA, DOCUMENTOS E MEDIAÇÃO: UMA ARTICULAÇÃO DO FAZER ARQUIVÍSTICO	19
3	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	32
3.1	DELINEAMENTO DA PESQUISA	33
3.1.1	Universo e amostra	33
3.1.2	Técnicas e instrumentos de coleta dos dados	33
3.2	PROCEDIMENTOS DE COLETA DOS DADOS	34
3.3	PROCEDIMENTOS PARA ANÁLISE DOS DADOS	34
4	APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	36
4.1	ATIVIDADES DE MEDIAÇÃO DA LEITURA REALIZADAS POR ARQUIVISTAS	36
4.2	DOCUMENTOS UTILIZADOS POR ARQUIVISTAS NAS ATIVIDADES DE MEDIAÇÃO DA LEITURA	40
4.3	PERCEPÇÃO DOS ARQUIVISTAS SOBRE A RELAÇÃO DA MEDIAÇÃO DA LEITURA COM AS FUNÇÕES ARQUIVÍSTICAS	42
4.4	PERSPECTIVAS E POSSIBILIDADES DA MEDIAÇÃO DA LEITURA PARA O FORTALECIMENTO DAS ATIVIDADES REALIZADAS POR ARQUIVISTAS	44
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	53
	REFERÊNCIAS	56
	APÊNDICES	60

1 INTRODUÇÃO

A leitura é entendida como uma ação social que permeia as interpretações das expressões humanas sejam elas por meio da escrita, da oralidade, do som, das imagens, e dos movimentos. Portanto, essa ação, a leitura, ocorre além dos textos escritos, e ainda contempla as práticas dos agentes sociais, em um processo de encontro do produtor dos documentos, do próprio dispositivo informacional e dos leitores. Assim, a leitura pode alcançar a característica de ser uma ação transformadora e de ressignificação da vida dos sujeitos.

Ao reconhecer a importância do ato de ler, compreendendo que a interpretação e a apropriação das informações ocorrem por meio deste ato, entende-se a necessidade do papel consciente do mediador da leitura. Entre os mediadores da leitura está o arquivista, visto que, na ambiência do arquivo ou no ambiente que esse profissional venha atuar, ele pode desenvolver uma aproximação entre o sujeito e as informações registradas nos documentos de arquivo.

As atividades de mediação da leitura demandam uma ação humanizadora e consciente por parte do arquivista que deve planejar e realizar as atividades mediadoras visando que os usuários/leitores tenham acesso aos documentos de arquivo, como também possam problematizar, junto a outros sujeitos, as informações que tiveram acesso, em um ato significativo que apoie o processo de apropriação das informações.

Nesse contexto, esta pesquisa teve como motivação para seu desenvolvimento, as experiências adquiridas na iniciação científica e no Grupo de Estudo e Pesquisa em Mediação e Comunicação da Informação (GEPemCI). Essas vivências permitiram uma aproximação com a temática e a percepção da necessidade de analisá-la a partir da Arquivologia. Com essas vivências, buscou-se referenciais teóricos e empíricos que tratassem da mediação da leitura realizada por arquivistas e foi identificada uma escassez na produção científica sobre esse tema, o que ratificou o desejo por contribuir com as atividades mediadoras realizadas pelos arquivistas, como também da produção científica segundo o viés da Arquivologia. Diante do exposto, justifica-se a importância de se refletir sobre as atividades de mediação da leitura realizadas por arquivistas, na busca por experiências desses profissionais no estado da Bahia que contribuam para demonstrar a colaboração do arquivista como mediador da leitura.

Este estudo teve como objetivo geral analisar como os arquivistas vêm realizando as atividades de mediação da leitura, quais os tipos de documentos e práticas realizadas, como também tais ações de leitura são relacionadas às funções arquivísticas. Para isso, foram traçados os seguintes objetivos específicos: mapear as atividades de mediação da leitura realizadas por arquivistas; levantar os documentos utilizados nas atividades de mediação da leitura; e identificar quais as funções arquivísticas são associadas às atividades de mediação da leitura pelos profissionais de Arquivologia que as desenvolvem.

Quanto à fundamentação teórica e empírica deste trabalho, no que se refere à temática de “atuação do arquivista: funções e atividades” foram adotados os estudos realizados por Ribeiro (2004, 2011); Couture e Rousseau (1994) e Bellotto (2007). Para analisar os aspectos da mediação da leitura por arquivistas tomou-se como referencial as contribuições de Santos, Sousa e Jesus (2020); Campos (2022), Santos Neto e Bortolin (2020).

No que se refere à metodologia, trata-se de um estudo de caráter exploratório, tendo como método o levantamento de campo, que possibilitou investigar a realização das atividades de mediação da leitura por 20 arquivistas que aceitaram participar desta pesquisa. Esse resultado foi alcançado por meio da técnica de aplicação de questionário e analisado a partir das abordagens qualitativas e quantitativas.

Os resultados indicam que os arquivistas realizam atividades de mediação da leitura e que os documentos utilizados nessas ações mediadoras são, em sua maioria, documentos textuais e iconográficos. O uso de documentos de arquivo em diferentes suportes reforça que o objeto usado nas atividades de mediação da leitura não se restringe a documentos bibliográficos, mas também, pode-se mediar à leitura com fotografias, cartas, relatórios, que são documentos arquivísticos.

Constatou-se que a mediação da leitura não pode ser compreendida como uma ação pontual realizada pelo arquivista, essa ação deve ser processo que tem por objetivo favorecer a interpretação crítica por parte dos sujeitos, conduzindo-os para uma reflexão que apoie a conscientização de suas ações, com base na busca, acesso e apropriação da informação.

Com a finalidade de melhor apresentar este estudo, na próxima seção trata-se dos referenciais teóricos e empíricos, posteriormente os procedimentos

metodológicos, as seções seguintes correspondem à apresentação e discussão dos resultados e, por fim, as considerações finais.

2 REVISÃO DA LITERATURA

Esta seção trata da atuação do arquivista, em relação às funções e as atividades desenvolvidas por esse profissional, no que tange ao apoio, direto e indireto, na formação dos sujeitos leitores, buscando refletir sobre as possíveis atividades de mediação da leitura realizadas pelo arquivista, entendendo que a leitura perpassa o texto escrito, o que possibilita uma ação relacionada às vivências e necessidades dos leitores. Dividida em duas subseções, a revisão da literatura apresenta, na primeira subseção, os estudos de Ribeiro (2004, 2011) que tratam sobre a atuação dos arquivistas; e Couture e Rousseau (1994), que, entre outros autores, discutem as funções e atividades arquivísticas. Na subseção seguinte, entre o referencial empírico, são apresentadas as reflexões realizadas por Leffa (1996), Bellotto (2010) e Sousa, Santos e Jesus (2020), trata-se de leitura, documento de arquivo e mediação da leitura, respectivamente.

2.1 ATUAÇÃO ARQUIVISTA: (RE)CONHECENDO FUNÇÕES E ATIVIDADES QUE COLABORAM COM A FORMAÇÃO DOS SUJEITOS LEITORES

A trajetória da Arquivologia mediante as transformações de ordem social, econômica e cultural, “[...] foi desenvolvendo uma prática dita arquivística (e também biblioteconômica) que passou a consubstanciar um saber de experiência feito e a dar sentido ao exercício de uma profissão.” (RIBEIRO, 2004, p. 2). É a partir da Revolução Francesa que se inicia o desenvolvimento das práticas e o delineamento do quadro epistemológico da Arquivologia, existindo também o reconhecimento das atividades do arquivista, que podem ser percebidas à luz do paradigma tradicional e do paradigma pós-custodial. (RIBEIRO, 2004). Quando o paradigma pós-custodial acende o perfil usual do arquivista é enfraquecido, Anna (2017, p. 189-199) explica que:

Com efeito, as mudanças paradigmáticas nas áreas do saber provocam mudanças nas práticas profissionais, exigindo que as competências profissionais sejam reconstruídas, além da aquisição de habilidades múltiplas, ampliando as potencialidades do profissional, podendo solucionar problemas e atender complexas demandas.

Por isso, a partir das mudanças paradigmáticas no âmbito da Arquivologia, o arquivista atua com diferentes enfoques. Segundo Ribeiro (2011), o percurso diacrônico da Arquivística pode ser compreendido em três fases: a fase sincrética e

custodial (Século XVIII - 1898); a fase técnica e custodial (1898-1980); e a fase científica e pós-custodial (1980 - atual). Quanto à atuação do arquivista nestes cenários: na primeira fase é conhecido como arquivista-paleógrafo e auxiliar do historiador; na segunda fase, percebe-se a qualificação técnica desse profissional, através da normalização e regulamentação da área; é na terceira fase que:

[...] **temos o arquivista como profissional da informação** com papel e práticas institucionalizados, acentuando sua real necessidade na ambiência de arquivos e organizações. Visualiza-se também que o acesso agora é regra para se justificar a custódia de documentos, bem como cumprir com uma função social, por ser agora, o arquivo, compreendido como um sistema de informação. (SILVA; DUARTE, 2020, p. 28, grifo nosso).

Quando o arquivo é ressignificado e o usuário é colocado em ênfase, o arquivista pode ser considerado como “[...] um mediador no processo de busca e uso que os usuários realizam.” (SILVA; DUARTE, 2020, p. 33). O arquivista passa a ter uma responsabilidade social de construir junto ao usuário novos conhecimentos, por meio do acesso, uso e apropriação dessas informações.

É essa nossa missão: - assegurar a informação do futuro, nós somos o traço de união de duas épocas. Entretanto, a responsabilidade primeira do arquivista é para com o homem de nosso tempo. Tal responsabilidade se exerce não apenas com relação à Nação, ao Estado e à Administração, mas sobretudo ao cidadão, encarado como indivíduo que é. (DUCHEIN, 1978, p. 31).

A partir da reflexão apresentada por Michel Duchein, em 1978, é possível reiterar a atuação do arquivista sobre a custódia dos documentos, ou seja, as atividades referentes à preservação da memória, mas também o compromisso desse profissional em potencializar o acesso e o uso dos documentos que favoreçam a constituição identitária e memorialística dos ‘sujeitos do presente’. Por meio das atividades mediadoras que possibilitam o acesso aos documentos e às informações, que perpassam as gerações, permitindo que, para além do seu tempo, o sujeito tenha acesso, utilize e se aproprie da informação, confere ao agente mediador uma responsabilidade social e demanda do mesmo um agir consciente.

O compromisso do arquivista com o cidadão e as mudanças na sociedade leva-o a “[...] reformular seus fazeres, adquirindo competências que vão além daquelas ditas como tradicionais, ou seja, àquelas voltadas apenas para a custódia e gestão de arquivos.” (ANNA, 2017, p. 190). Importa salientar que essa

reformulação deve acontecer também na legislação que pode ainda atrelar o profissional unicamente às atividades de cunho tradicionais, o que não é mais conveniente com as exigências do mercado.

A profissão de arquivista no Brasil foi regulamentada através da Lei nº 6.546 de 1978, que estabelece bases normativas que fundamentam as profissões de arquivista e técnico de arquivos. Em seu artigo 2º, observa-se que as atribuições do profissional são voltadas para a gestão dos documentos, e orientação quanto à produção; avaliação; classificação; descrição e arranjo; e conservação. O dispositivo legal coloca em evidência as atividades e funções arquivísticas que são cruciais para o acesso aos documentos pelos usuários. No entanto, não menciona de forma clara acerca da disseminação dos arquivos, do papel social e das competências dos arquivistas na contemporaneidade.

O Parecer nº 492/2001 do Conselho Nacional de Educação (CNE)/Câmara Superior de Educação (CSE) apresenta as Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Arquivologia. No parecer são enumeradas as competências e habilidades do arquivista, de caráter geral e específico, podendo perceber simbolicamente atividades voltadas às necessidades dos indivíduos e a difusão dos arquivos, entre essas competências e habilidades, destaca-se no aspecto geral, as seguintes: gerar produtos a partir dos conhecimentos adquiridos e divulgá-los; elaborar, coordenar, executar e avaliar planos, programas e projetos; traduzir as necessidades de indivíduos, grupos e comunidades nas respectivas áreas de atuação; responder a demandas de informação produzidas pelas transformações que caracterizam o mundo contemporâneo.

A partir da análise das competências e habilidades apresentadas no Parecer do Conselho Nacional de Educação (CNE)/Câmara Superior de Educação (CSE), pode-se observar que o arquivista é reconhecido como profissional que age, visto que é indicada a necessidade de geração de produtos, como também de criação de políticas, projetos e planos, que possam possibilitar uma interferência efetiva desse profissional na sociedade. Também pode-se compreender por esse documento a necessidade do arquivista ser um profissional acolhedor que identifique as características singulares dos sujeitos que buscam a informação e apresentam suas demandas informacionais, mas também como sujeitos que integram um coletivo que deve ser representado no ambiente informacional.

Com a investigação sobre a legislação concernente à profissão de arquivista, constata-se que as leis encontram-se desatualizadas e/ou não evidenciam esse profissional como um agente mediador. Essa ausência de bases teóricas e normativas contribui para inviabilizar a constituição de um perfil profissional alinhado à identificação de demandas emergentes apresentadas pelos usuários, em um processo desenvolvido das práticas arquivísticas em que há interferência dos sujeitos que integram a sociedade. À vista disso, abre-se o precedente para tais questionamentos:

A função do arquivista deve estar direcionada à gestão de documentos e ao resgate da memória e da informação, como profissional que simplesmente atende a pedidos? Ou, ao contrário, deve-se repensar o perfil desse profissional, observando o seu valor enquanto indivíduo e a sua condição de cidadão inserido na sociedade do conhecimento, convivendo numa teia de interações entre a sua realidade regional e o mundo global? (DUARTE, 2007, p. 145).

A partir da reflexão apresentada por Duarte (2007), entende-se que as atividades do arquivista não devem se limitar ao atendimento dos pedidos apresentados pelos usuários, ou seja, é importante que o arquivista possibilite o processo dialógico, que fomenta a problematização e a busca por novas informações, favorecendo que os sujeitos possam ampliar seu entendimento sobre o ambiente de informação e o agente que nele desenvolve suas funções. Por isso, a importância da tomada de consciência e a necessidade de compreensão que ao desempenhar as funções como, avaliação, classificação e descrição, esse profissional interfere na relação sujeito - informação. (ALMEIDA JÚNIOR, 2015). Dessa maneira, o arquivista deve buscar um alinhamento das suas percepções - a partir da base teórica e das suas vivências profissionais e como sujeito social - com as demandas apresentadas pelos usuários que integram os dispositivos informacionais.

Nesta perspectiva, destacam-se as sete funções arquivísticas: produção/criação, avaliação, classificação, descrição, difusão, preservação e aquisição; propostas por Carol Couture e Yves Rousseau, no ano de 1994, na primeira edição do livro *Les fondaments de la discipline archivistique*. Essas funções caracterizam as instituições arquivísticas e o desempenho do arquivista na execução de suas atividades. (PEREIRA; SILVA, 2019). Por isso, são basilares para o tratamento dos documentos de arquivo.

Após o estudo de Couture e Rousseau, outros teóricos desenvolveram uma análise quanto às funções, o que promoveu a solidez dessa teoria, conforme o Quadro 1.

Quadro 1 - Funções Arquivísticas

Função Arquivística	Conceito
Produção	Controle da criação e padronização documental buscando a racionalização e evitando a criação de documentos desnecessários e/ou supérfluos para a atividade da instituição.
Avaliação	Análise documental para definir o prazo de guarda e a destinação final dos documentos: eliminação ou guarda permanente.
Classificação	Organização dos documentos em classes/grupos. (funcional, estrutural ou temático), controlando os documentos para que possam ser encontrados com maior rapidez.
Descrição	Descrição do documento ou conjunto documental, de modo a facilitar a identificação do que é e contém agente facilitador para a pesquisa do usuário. Auxilia na elaboração de instrumentos de pesquisa.
Difusão	Disseminação, divulgação de informações e do acervo da instituição para o usuário.
Preservação	Ato de evitar a deterioração dos documentos através da preservação, da conservação e da restauração.
Aquisição	Aquisição de acervos seja por compra, doação, recolhimento, empréstimo, custódia etc.

Fonte: Pereira e Silva (2018).

Como é possível observar no Quadro 1, cada função arquivística prescreverá atividades a serem desenvolvidas pelo arquivista, como: controle, análise documental, organização, identificação, elaboração de instrumentos, representação da informação, divulgação de informações, conservação, restauração e aquisição de documentos. Pode-se refletir que cada atividade acima citada demanda do arquivista uma leitura crítica e relacional entre o contexto sociocultural, os agentes produtores e formadores da sociedade, dos sujeitos que terão acesso a tais documentos, como também os usuários em potencial, aqueles que os documentos não mencionam por algum motivo e não devem tornar-se invisibilizados no processo de mediação.

E, como se tudo isso fosse pouco, fala-se, ainda, nas qualidades de adaptabilidade, pragmatismo, curiosidade intelectual, rigor, método, continuidade, capacidade de compreensão e escuta relativamente ao produtor, ao pesquisador e ao cidadão. A verdade é que o arquivista,

además de toda essa qualificação de cunho pessoal, deverá ainda ser capacitado profissionalmente para intervir em toda a cadeia do tratamento documental, qualquer que seja o suporte. A respeitabilidade de que é revestida o seu trabalho virá da segurança com que atue no seu métier. (BELLOTTO, 2006, p. 2).

A partir do perfil do arquivista apresentado por Bellotto (2006), percebe-se que a execução das atividades realizadas por esse profissional, demanda uma postura ativa e humanizadora, como também o desenvolvimento de competências que favoreça o alcance de sua responsabilidade junto à sociedade, no que tange o acesso, uso e apropriação da informação.

Nesse sentido, Brandão (2022, p. 44) reflete que o arquivista, como agente mediador, torna-se protagonista, no processo de busca pela conscientização de suas ações. Assim, desde as atividades de conservação, organização e difusão da informação esse profissional deve considerar os sujeitos, contextos e dispositivos, buscando assumir uma postura crítica da realidade e das demandas apresentadas pelo contexto sociocultural.

Ao considerar as referidas funções e atividades, faz-se necessário refletir sobre as demandas do perfil profissional do arquivista, visto que:

[...] caberá a este profissional qualificar-se nas formas, maneiras e conteúdos que perpassem estudos de usuários, mediação da informação, tecnologias digitais, aspectos legais, e responsabilidades sociais e éticas, para estabelecer diálogo e consequente inclusão do usuário. (SILVA; GARCIA; SILVA; ARAÚJO, 2021, p. 296).

Essas qualificações evidenciam a responsabilidade social do arquivista que tem início por meio “[...] das questões éticas, asseguradas pelo acesso e transparência; de atividades desempenhadas no contexto administrativo, no tocante a gestão de documentos; e para além delas, quando evoca a perspectiva de ações culturais e educativas [...]” (SILVA; GARCIA; SILVA; ARAÚJO, 2021, p. 301). Observa-se que o compromisso perpassa as três idades dos documentos - corrente¹, intermediária² e permanente³ - e consequentemente, as atividades no tocante ao tratamento, organização, preservação e disseminação das informações.

¹ Conjunto de documentos, em tramitação ou não, que, pelo seu valor primário, é objeto de consultas frequentes pela entidade que o produziu, a quem compete a sua administração. Dicionário Brasileiro de Terminologia Arquivística (2005).

² Conjunto de documentos originários de arquivos correntes, com uso pouco frequente, que aguarda destinação. Dicionário Brasileiro de Terminologia Arquivística (2005).

³ Conjunto de documentos preservados em caráter definitivo em função de seu valor. Dicionário Brasileiro de Terminologia Arquivística (2005).

Além de contribuir para relação arquivista/usuário, pois será possível ter uma percepção mais assertiva das necessidades informacionais e compreensão das singularidades dos sujeitos.

As práticas arquivísticas que levam em consideração elementos que compõem as vivências e experiências dos indivíduos contribuem “[...] para que os públicos possam construir significados, referenciais, identidades, sentidos coletivos e valores simbólicos, sensíveis, estéticos e contextuais.” (ALDABALDE, 2015, p. 167). Nesse sentido, os conflitos gerados pelas ações podem permitir que o sujeito ressignifique sua visão de si e a sua leitura de mundo, que reflete em sua postura enquanto cidadão; na tomada de decisões; na busca por direitos, e conscientização do uso das informações. (SILVA; GARCIA; SILVA; ARAÚJO, 2021). Diante disso, percebe-se que a práxis do arquivista corrobora para a formação social do sujeito.

Neste cenário, a atuação do arquivista transcorre na esfera da educação, “[...] aprofundando o conhecimento dos indivíduos em sua dimensão histórica, sua identidade e o entorno social.” (BALBINO; CHAGAS, 2018, p. 234). Assim, verificam-se traços do papel social do arquivista na construção da cidadania, que são revelados através da interação dos usuários com o “outro” e participação ativa nos ambientes de seu convívio pessoal; constituindo os mesmos, enquanto sujeitos protagonistas.

A função social do arquivista exige práticas culturais e educativas que cultivem a criticidade, a consciência, o diálogo, a afetividade e o sentimento de pertencimento. Para tal fim, pode-se fundamentar nos estudos de Bellotto (2007a), quando a autora abordou as políticas dos serviços culturais, que é preciso incentivar a pesquisa, garantir o acesso às fontes de dados, incentivar a leitura e escrita, e manifestar o valor da preservação do patrimônio arquivístico. Dentre as possibilidades de ações de mediação da informação citadas pela autora, destaca-se práticas de mediação da leitura, que consiste em atividades de incentivo, formação e conscientização do ato de ler que proporcionem a apropriação da informação por parte dos usuários, contribuindo para a interpretação de si e do contexto sócio-histórico-cultural que pertencem, fomentando a construção de sentido e significado atribuídos aos saberes e aos conhecimentos registrados nos documentos, apoiando o alcance do protagonismo social dos sujeitos, por meio da leitura de mundo e da palavra. Assim, pode-se afirmar que a mediação da informação que está presente nas atividades realizadas pelo arquivista e é base para a efetividade de tais ações,

se inter-relaciona às práticas de mediação da leitura, sendo que a primeira depende da segunda e o seu inverso também ocorre.

Faz-se necessário entender quais e como as atividades de mediação da leitura podem ser desenvolvidas por arquivistas. No campo desta pesquisa, discorre-se sobre as possíveis práticas de leituras que podem ser realizadas por arquivistas e sobre como a mediação da leitura se relaciona com as atividades arquivísticas.

2.2 LEITURA, DOCUMENTOS E MEDIAÇÃO: UMA ARTICULAÇÃO DO FAZER ARQUIVÍSTICO

O ato de ler é mais amplo do que a decodificação de signos linguísticos, memorização de trechos, repetição de palavras e leitura mecânica, aspectos criticados por Paulo Freire (1997). Essa concepção contrapõe o processo em que os sujeitos interpretam e se apropriam das informações, como também da dinâmica social que interfere em sua realidade. Leffa (1996) ao tratar sobre a leitura, afirma que “[...] esse processo envolve o sentido da visão, ler é, na sua essência, olhar para uma coisa e ver outra. A leitura não se dá por acesso direto à realidade, mas por intermediação de outros elementos da realidade.” As representações e expressões sociais, culturais, políticas, artísticas e até mesmo as corporais do sujeito, como, por exemplo, gestos faciais, são elementos que integram a realidade e ganham significados a partir do ato de ler, sendo tais elementos caracterizados e integrantes do processo da leitura de mundo do sujeito.

Nesse sentido, Paulo Freire (1997) defende que anterior à leitura da palavra o sujeito realiza a leitura de mundo. Pode-se entender que as informações registradas ou compartilhadas por meio da oralidade, alcançam um sentido quando o sujeito leitor aproxima ou interpreta a partir de sua vivência ou elementos que constituem seu contexto e suas práticas socioculturais. Ou seja, o sujeito leitor atribui sentido ao que lê nos diversos documentos e por meio da interação com o outro a partir de seu repertório informacional que está associado às relações culturais e de seu contexto social.

Quando existe uma associação entre os elementos da realidade e as experiências, saberes e conhecimento prévio dos sujeitos pode-se perceber evidências da leitura, ou seja, consciente ou inconscientemente os sujeitos estão interpretando/lendo informações da prática social ou registradas que tem acesso por

meio das suas percepções. Importa destacar a trajetória de aprendizagem dos sujeitos nesse processo, pois, Martins (1988) defende que ler abrange todo um sistema das vivências interpessoais e circunstâncias de vida humana. Portanto, é imprescindível considerar a relação do indivíduo com o seu meio e consigo mesmo, nesse ato amplo e dinâmico que é ler.

Por esse prisma, nota-se de fato quem é o leitor:

Assim, no processo da leitura, o leitor é peça chave. E por leitor, aqui, entendemos aquele Sujeito que se abre para a interlocução com obras artísticas em geral, práticas culturais, edificações e organizações urbanas etc. Ele trava um rico diálogo com o texto, ampliando sua capacidade de reflexão e transformação. (PINA; SAMPAIO, 2010, p. 63).

O leitor é dotado de uma postura, que permite que ele avance e dialogue a ponto de atribuir sentido e significado aos textos. Com isso, destaca-se a afirmação de Martins (1988, p. 32) “[...] o leitor assume um papel atuante, deixa de ser mero decodificador ou receptor passivo.” A autora também pontua que o ato de ler não começa na interação com o texto, além de tratá-lo como processo modificador. Leitura remete a reflexão, criação e geração de mudanças, portanto, o leitor é um sujeito ativo nesse processo, em que não existe neutralidade, mas transformações.

Faz-se necessário realizar uma ponderação, visto que existem fases da leitura e um processo de transformação, ou seja, no encontro com a informação, por meio da leitura, o sujeito alcança algum nível de transformação, mesmo que essa vivência não seja imediatamente percebida por ele, visto que a autoleitura também integra esse processo de descoberta. Assim, a leitura ocorre em um tempo diferente para cada sujeito e essa o transformará de modo singular, decorrente do acesso e da apropriação da informação que o sujeito alcance por meio da leitura.

A partir do que foi discutido e do entendimento que já se tem sobre a leitura e o leitor, é necessário compreender a importância do texto nesse processo, e como ele se relaciona com o sujeito.

Há um consenso entre os teóricos sobre o sentido amplo do que vem a ser o texto, no qual se compõe de diversas linguagens. O texto - objeto a ser lido - não se restringe ao que está escrito (MARTINS, 1988), mas pode ser imagético, sonoro, como também se apresenta por meio da união da imagem (em movimento ou não) e do som. Outro ponto a ser evidenciado é que o texto como o leitor, também não é neutro, Pina e Sampaio (2010) atestam que “[...] tanto o sujeito (leitor) como o texto

são históricos e culturais, isto é, carregam características que denunciam suas origens, expectativas e preferências.” Ambos pertencem há um tempo e contexto sociocultural que os influenciam, por isso, há necessidade de mediação entre eles, no qual é projetado um caminho para um encontro transformador.

O texto apresenta um potencial que só é atingido a partir da interação com o leitor, tendo em vista que “[...] o texto nasceu para ele, para que o descubra, o reinvente a partir de si, dando-lhe vida.” (PINA; SAMPAIO, 2010, 62). A partir da reflexão realizada por meio da citação, pode-se afirmar que cada leitor, no processo de ‘encontro’ com o texto, o ressignifica, a partir de seus saberes e vivências, mas também esse texto serve a um propósito, interferindo e cumprindo o objetivo para o qual foi produzido, seja por seu conteúdo ou forma que o constitui. Assim, o tipo de letra, o formato, as informações registradas, entre outros elementos que constituem o texto podem ser apropriadas e transformar o sujeito leitor.

Leffa (1996) frisa que o texto é um reflexo do conteúdo, e que não há uma relação homogênea entre os mesmos. O conteúdo é flexível quando há interação do leitor com o texto e só ocorre a compreensão nesse confronto “[...] se houver afinidade entre os elementos leitor e texto e se determinadas condições estiverem presentes.” (LEFFA, 1996, p. 17). Infere-se com isso, que pode haver uma lacuna entre texto e leitor, sendo fundamental a presença de um mediador para criar meios, selecionar conteúdos, utilizar técnicas para sanar as dificuldades e favorecer que o encontro entre o sujeito e o texto informacional, por meio da leitura, seja efetivo.

Com o exposto, não se pode apenas considerar o texto, mas deve-se explorar todos os elementos que podem integrá-lo, como o suporte, o formato, o assunto, contexto e motivação de criação. Porque esses elementos, os gostos e as preferências do sujeito são norteadores das práticas de leitura. Diante disso, é pertinente reconhecer o objeto mediado quanto documento, uma vez que, a conceituação do mesmo engloba não só as representações linguísticas verbais ou não verbais, mas também elementos que o constituem, a origem e a função da sua gênese. Para Romero Tallafigo (1994 *apud* BELLOTTO, 2010, p. 162), documento é:

Uma realidade semiótica, com significantes e significados, com signos de textos, com símbolos retóricos e icônicos, com signos de cortesias com intenções de seu autor e reações suscitadas em seu destinatário. O documento é uma presença a mais na grande coreografia contemporânea dos signos [...]

Os documentos como registros dos processos vivenciados pela sociedade carregam signos que expressam a variedade de formas de comunicação e de atividades humanas. Esses documentos são criados por uma gama de necessidades e em decorrência do exercício de atividades distintas, seja, por questões pessoais, profissionais ou/e acadêmicas, servindo a geração presente e também futura, seja para tomada de decisão, ensino, pesquisa, conscientização de fatos do passado que refletem no hoje, reconhecimento e fortalecimento de identidades, garantia de direitos, entre outros. O uso, o destino, o armazenamento e a condição dos documentos são determinados pela função que motivou sua criação. (BELLOTTO, 2006, p. 36). Esses elementos prescrevem a área do conhecimento responsável pelo estudo e análise de tais documentos.

Nesta pesquisa, será considerado o documento de arquivo, principal objeto de estudo e trabalho dos arquivistas. As características que exprimem sua identificação é “[...] o princípio da proveniência (vínculo ao órgão produtor/recebedor/acumulador) e o princípio da organicidade (a coerência lógica e orgânica no contexto de produção, o vínculo aos outros documentos do mesmo conjunto).” (BELLOTTO, 2010, p.163). Esses princípios juntamente com outros atributos consolidam a originalidade, o tratamento desses documentos e execução das tarefas arquivísticas, a saber, a autenticidade, a integridade, a confiabilidade, a forma, o caráter probatório e testemunhal, como também sua natureza, se público ou privado. (BELLOTTO, 2010). É evidente o quanto o documento de arquivo é singular e a relevância desse registro para o produtor e para os usuários.

Esses documentos podem se apresentar em variados suportes, tendo as informações contidas de diferentes formas, com tanto que esteja estabelecida de modo a fazer entendido a sua razão de ser. Devido a isso, o documento de arquivo é classificado de acordo ao gênero documental - quer dizer a reunião de documentos que apresentam características semelhantes quanto ao seu suporte e disposição das informações. (ARQUIVO NACIONAL, 2005). Conforme o Dicionário Brasileiro de Terminologia Arquivística (2005), os documentos podem ser classificados, quanto ao gênero, como documento textual, audiovisual, cartográfico, eletrônico, filmográfico, iconográfico, micrográfico e bibliográfico.

No Quadro 2, a título de exemplo, nota-se alguns documentos que integram sete (7) gêneros documentais citados anteriormente, o bibliográfico não será considerado, pois, a pertinência desse gênero é comprometida, tendo em vista que

os gêneros textual, iconográfico e eletrônico contemplam os documentos apresentados pelo Arquivo Nacional na categoria do bibliográfico (SANTOS, 2018, p. 57). Dessa forma, preza-se por evitar a redundância de documentos.

Quadro 2 - Gênero documental

Gênero	Documentos
Documento Textual	Documentos manuscritos, datilografados ou impressos: atas de reunião, cartas, decretos, livros de registro.
Documento Iconográfico	Documentos que contêm imagens fixas: fotografias, pinturas e gravuras.
Documento Cartográfico	Documentos que contêm representações gráficas da superfície terrestre ou de corpos celestes e desenhos técnicos: mapas, plantas e fotografias aéreas.
Documento Eletrônico	Documentos em meio eletrônico, somente acessíveis por equipamentos eletrônicos: documento em suporte CD, disquetes e documentos digitais.
Documento Audiovisual	Documentos que contêm imagens fixas ou em movimentos: registros sonoros, filmes e fitas videomagnéticas.
Documento Filmográfico	Documentos que contêm imagens em movimento , com som ou não: filmes e fitas videomagnéticas.
Documento Micrográfico	Documentos em microforma, microforma como cartões-janela, cartões-janela, microfimes e <i>tab-jacks</i> .

Fonte: Adaptação do Dicionário Brasileiro de Terminologia Arquivística (2005).

Com isso, um livro, uma carta, um vídeo, uma fotografia, um áudio, um filme, um artigo, ao apresentar as características postas anteriormente esses serão classificados como documento de arquivo. Independente do seu suporte e da sua gênese, o que se espera do documento de arquivo é “[...] a garantia de cidadania, de governabilidade, de entendimento e permanência do respeito aos direitos e deveres entre governantes e governados, na esfera pública, ou mesmo, dentro dos microcosmos das organizações e entidades privadas.” (BELLOTTO, 2010, p. 16). No entanto, para que se possa observar os fenômenos citados é preciso que os sujeitos leitores tenham acesso, interpretem e se apropriem das informações registradas nos documentos de arquivo. Reitera-se que:

Dar acesso aos arquivos não se confunde com torná-los consultáveis, mas significa, ao fim e ao cabo, torná-los inteligíveis. Trata-se, portanto, da causa e da consequência de um processo de mediação – uma

negociação muito delicada, uma costura fina entre o usuário, o objeto procurado e os múltiplos agentes humanos, institucionais e tecnológicos – que **só se efetiva** quando o perfil das instituições arquivísticas, as especificidades definidoras dos arquivos e a natureza do documento arquivístico são **bem compreendidos** pelos diversos sujeitos envolvidos numa relação marcada pela alteridade. (CAMPOS, 2022, p. 507, grifo nosso).

A mediação é um processo complexo que exige conhecimento, comprometimento e profissionalismo dos arquivistas que proporciona o encontro do sujeito com o documento, em primeira instância, e, por meio deste, com a informação, sendo necessário o desenvolvimento do ato da leitura para que essa informação seja apropriada. Por isso, é fundamental a realização de atividades de mediação da leitura, que favoreçam o acesso e a apropriação da informação. Assim, atentando-se para o perfil e as demandas dos sujeitos leitores, os arquivistas, reconhecidos como mediadores da informação, podem realizar diferentes atividades, com objetivos e características, utilizando dos diversos dispositivos informacionais para a realização da mediação da leitura.

Nesse sentido, Santos, Sousa e Jesus (2020) apresentam uma definição da mediação da leitura, para tanto, as autoras tomam como base o conceito de mediação da informação proposto por Almeida Júnior (2015, p. 25), que segundo o Autor:

Mediação da informação é toda ação de interferência – realizada em um processo, por um profissional da informação e na ambiência de equipamentos informacionais –, direta ou indireta; consciente ou inconsciente; singular ou plural; individual ou coletiva; visando a apropriação de informação que satisfaça, parcialmente e de maneira momentânea, uma necessidade informacional, gerando conflitos e novas necessidades informacionais.

A partir da reflexão desse conceito, entendendo que existe um entrelaçamento da mediação da informação e da mediação da leitura, Santos, Sousa e Jesus (2020) defendem a mediação da leitura como uma ação praticada de forma consciente por professores, bibliotecários, arquivistas, museólogos, artistas, produtores culturais, entre outros profissionais, de modo individual ou coletivo, que possibilita uma leitura múltipla ou não, na ambiência dos dispositivos informacionais, culturais e sociais, que favoreça o acesso e a apropriação da informação.

A atenção do arquivista para realização das atividades de incentivo à leitura torna a mediação promissora a ponto dos sujeitos agregarem valores às informações

contidas nos documentos, correlacionando-as com suas experiências e seu ciclo de relacionamentos, seja em casa, na escola, na universidade, no trabalho, na biblioteca, no arquivo, na praça e/ou no hospital. Para Bortolin (2010, p. 107), a mediação da leitura “[...] é um ato fundamental para formação de leitores, um posicionamento sociocultural no sentido de levar o cidadão a ler diferentes textos para que ele, com autonomia, exerça plenamente seu papel de cidadão.” Ao possibilitar a leitura de diferentes documentos, faz com que o sujeito conheça/reconheça diferentes realidades, com isso há a expectativa de que ele se posicione de forma ética, empática, política e crítica, fortalecendo a cidadania e bem-estar social, o que reforça a responsabilidade social do arquivista.

Ao tomar como base a pluralidade dos ambientes em que o arquivista pode exercer suas atividades profissionais, pode-se pensar, por exemplo, em ações de mediação da leitura em um arquivo em ambiente hospitalar, em que os pacientes ou seus familiares podem requerer o acesso aos prontuários, e mesmo com essa possibilidade, sendo alcançada a informação, só será de fato acessada se esses sujeitos interpretarem os termos gerais e específicos da área da saúde e com essa informação desenvolverem as ações que os motivaram na busca pela informação. Como expressou Campos (2022), além de dar acesso aos arquivos é preciso que os arquivistas tornem-os inteligíveis. Dessa maneira, também é papel do arquivista, no desenvolvendo de suas atividades, favorecer a interpretação de termos especializados; o entendimento do conteúdo registrado no documento; a associação das informações com a realidade do sujeito e as possíveis transformações que essa informação pode realizar, ou seja, uma leitura relacional e interpretativa de sua realidade. Portanto, ao desenvolver essas atividades, o arquivista estará atuando também como mediador da leitura.

A mediação da leitura é um processo facilitador da relação sujeito-documento de arquivo, pois, seu planejamento, seus procedimentos e métodos auxiliam o arquivista na estreita interação dos usuários e documentos. Campos (2022) reflete acerca deste conflito, e apresenta como razões desse cenário, o perfil das instituições arquivísticas, a formação dos acervos e o processamento técnicos dos arquivos, ademais enfatiza a postura dos usuários, ao considerar que esses apresentam dificuldades de acessar aos documentos de arquivo, devido sua falta de experiência com a dinâmica organizacional das instituições arquivísticas. Tomando como base essa afirmação, também é necessária uma postura acolhedora, empática

e humanizadora por parte do arquivista, desenvolvendo ações que apoiem os sujeitos em uma leitura de si, do *outro* e do contexto em que ele está inserido. A solução dessas demandas requer uma reflexão do fazer arquivístico à luz da mediação da leitura nas atividades em que o usuário não está presente, na tentativa de oferecer instrumentos e práticas que o auxiliem no encontro e compreensão dos documentos.

Para além das práticas citadas, entende-se que o arquivista realiza a mediação da leitura em atividades tradicionais, tais como: ao padronizar os documentos, ao atribuir os códigos de classificação, ao construir e/ou aplicar a Tabela de Temporalidade Documental e o Plano de Preservação, ao elaborar os instrumentos de pesquisa e quadro de arranjo, ao desenvolver as estratégias de difusão, ao selecionar e atribuir termos e metadados, ao descrever e transcrever os itens documentais, ao compartilhar sua leitura com o outro, favorecendo que o sujeito leitor reconheça o texto e o recupere. Em suma, “[...] sempre há um ato de interpretação na organização e tratamento dos documentos.” (LOUSADA, 2017, p. 134). A todo o momento o arquivista está realizando uma ação de leitura, para que em seguida o usuário também tenha a possibilidade de realizar sua leitura e ter acesso à informação.

Por isso, pode-se associar as funções e atividades arquivísticas com a mediação da leitura, levando em consideração que para as práticas do arquivista não se consideram apenas os aprendizados acadêmicos e experiências profissionais, mas uma leitura do ambiente, interpretação das atitudes dos sujeitos - colaboradores e/ou usuários, uma leitura das atividades e da relação que os sujeitos têm com essas atividades. É assim que o arquivista irá subsidiar a leitura do outro, que acontece de uma maneira simples e complexa, essa última, pois a leitura é um ato complexo, todavia, mesmo com essa complexidade por meio das ações mediadoras, com ênfase às de incentivo à leitura o sujeito pode ter acesso ao que deseja.

Na literatura científica, são apresentadas como atividades de mediação da leitura, por exemplo, a roda de conversa, as exposições de imagens e filmes com debate, a indicação de documentos, a contação de história, as representações das histórias por meio de pinturas e desenhos e a declamação e leitura de textos. Essas atividades são comuns na Biblioteca, onde se verifica a atuação do bibliotecário, e normalmente o objeto mediado são livros, principalmente os livros literários. Esses

aspectos, apesar de serem referências, não limitam a mediação da leitura a determinadas atividades, ambientes, objetos e profissionais. Estudos recentes mostram outros ambientes de realização de atividades de mediação da leitura - brinquedotecas, livrarias, instituições de longa permanência, escolas, instituições de saúde - bem como o uso de objetos distintos e o desempenho de outros profissionais.

Quanto à atuação do arquivista, como mediador da leitura, os estudos são ínfimos. As atividades de cunho social, cultural e educativo na perspectiva da Arquivologia são analisadas com maior frequência fundamentando-se nos conceitos de difusão cultural e mediação da informação em arquivos, a primeira sobressai a segunda. “[...] A difusão em arquivos se caracteriza mais pelo processo de tornar a instituição arquivo conhecida, bem como suas ações, acervos, serviços e missão social, cultural, histórica [...]” (SANTOS NETO; BORTOLIN, 2020, p. 158). Os autores explicam que a mediação em arquivos, não implica somente na promoção das instituições arquivísticas, mas lidam com uma série de fatores, como o usuário, os mediadores, o conjunto documental, a democratização do acesso, a apropriação da informação e o contexto. Santos Neto e Bortolin (2020) concluem que esses conceitos possuem demarcações conceituais que os diferenciam, mas é possível estabelecer proximidade entre eles. Neste estudo faz-se necessário perceber a relação da difusão com a mediação da leitura, essa aproximadamente pode ser vista nas ações de difusão em arquivos.

Dentre as ações de difusão em arquivos, destacam-se a difusão cultural e a difusão educativa. A difusão cultural visa projetar de forma acolhedora elementos internos do arquivo para o público externo, com o intuito de atraí-los (SANTOS NETO; BORTOLIN, 2010). As atividades culturais por meio do acolhimento, criatividade e inovação evidenciam o arquivo e convidam os usuários a visitarem a unidade de informação. Pode-se entender que essa difusão se dá pela leitura que os arquivistas realizam do contexto sociocultural dos usuários, desenvolvendo ações que permitam uma associação com os dispositivos informacionais que estão no arquivo, portanto, favorecendo que os usuários fortaleçam sua identidade e aspectos culturais a partir das informações que também tem acesso no arquivo, em uma reflexão sobre si, sobre o conhecimento compartilhado pelos produtores dos dispositivos salvaguardados no arquivo e sobre os demais sujeitos. Assim,

compreende-se que ao realizar a difusão cultural é imprescindível um ato crítico e reflexivo de leitura, portanto, a mediação da leitura está associada a essa prática.

No que se refere à difusão educativa, Santos Neto e Bortolin (2020, p. 153) afirmam que essa “[...] tem como enfoque dois objetivos principais: 1) reconhecer o valor dos arquivos como fonte educativa; 2) transformar o valor educativo dos arquivos em ações.” Dessa maneira, é possível entender a contribuição do arquivo e do arquivista na formação dos sujeitos, por meio de ações que apoiem as atividades educativas que este tem para além do ambiente arquivístico, em um processo de associação entre as ações realizadas no arquivo e fora dele, que favorecem o desenvolvimento social dos usuários. Assim, para que a difusão educativa seja realizada efetivamente é necessária à mediação da leitura, visto que, os sujeitos poderão realizar leituras sobre os diversos dispositivos existentes no arquivo, relacioná-los ao seu contexto e demandas, como também sobre sua história de vida, favorecendo uma ampliação de sua consciência sobre seu desenvolvimento e o que deseja e precisa alcançar.

Pode-se considerar algumas atividades culturais e educativas que são passíveis de realização no âmbito do arquivo e/ou realizadas por arquivistas, conforme pode-se observar no Quadro 3.

Quadro 3 - Atividades culturais e educativas em arquivos

Difusão cultural	Difusão educativa
Palestras, Debates, Lançamentos de obras; Concursos sobre temas de história geral do Brasil e regional; Patrocínio de simpósios, congressos, jornadas e reuniões; Exposição de documentos em meio físico ou virtual; Promoção de cursos; Comentários de documentos em mídias de comunicação; Colaboração dos arquivistas com o turismo cultural; Manifestações culturais e artísticas; Produções artísticas e de documentários; Emprego de sítios institucionais e redes sociais para a divulgação de diversos conteúdos, como documentos, serviços e produtos dos arquivos.	Visitas; Aulas de história, português, ciências; Atendimentos de estudantes isoladamente ou em grupos; Concurso; Exposição de originais no recinto do arquivo; Divulgação de reproduções de documentos e publicações; Estabelecer conexões entre os documentos e os conteúdos curriculares; Oficinas técnicas e temáticas; Procura abordar pontos de vista históricos, estéticos e sociais; Campanhas de coletas de documentos; Mostra de filme.

Fonte: Adaptado de Bellotto (2007a), Santos Neto e Bortolin (2020).

É perceptível que essas atividades se firmam de objetivos significativos com a participação ativa dos usuários. Como a mediação, a difusão busca estabelecer interferências, consciente ou não, para acesso e apropriação da informação.

(SANTOS NETO; BORTOLIN, 2020). As ações de difusão, cultural e/ou educativa e a mediação da leitura aproximam-se na medida em que oportunizam a apropriação da informação, o aprendizado, a construção e a troca de vivências e conhecimentos. Entretanto, na literatura científica que trata da Arquivologia e da Ciência da Informação, pouco se aborda as atividades de leitura realizadas no âmbito dos arquivos ou desenvolvidas pelos arquivistas.

A medição da leitura também é uma forma de dar visibilidade aos arquivos, pois ela incentiva os mediadores e os leitores a refletirem acerca dos espaços de promoção das ações e os objetos mediados, o que colabora na construção de sentido e significados dos sujeitos, que passa a ressignificar seu olhar para essas instituições arquivísticas, visto que, encontra nelas registros memorialísticos e identitários que os constituem enquanto cidadãos e pertencentes a uma cultura, história, e/ou povo. A mediação da leitura também favorece uma interação maior entre usuários e arquivistas, de modo que esse profissional busque atuar diretamente na formação dos sujeitos, por meio de um processo dialógico que proporciona o encontro entre vidas, do arquivista, do usuário/leitor e dos produtores dos documentos arquivísticos. Assim, a mediação da leitura possibilita uma ressignificação do papel social do arquivo e do arquivista, demandando novas leituras, não só dos documentos e informações, mas também dos sujeitos com quem interagem.

É relevante o reconhecimento do arquivista quanto mediador da leitura, pois, o mesmo atua em diferentes ambientes, visto que os documentos tratados por esses profissionais, a *priori* servem a administração e público específico. Pensar em atividades de mediação da leitura realizadas por arquivistas no ambiente organizacional é complexo, tendo em vista a falta de interesse dos gestores, a cultura das organizações, a própria dinâmica de trabalho que diariamente buscam atingir suas atividades finalísticas, e as demandas da gestão documental. Apesar das dificuldades, a mediação da leitura pode auxiliar a gestão da informação e conhecimento, identificar e apoiar na administração dos recursos humanos, financeiros e tecnológicos, auxiliar na presença digital dessas instituições, fomentar a pesquisa, promover uma melhoria do relacionamento de servidores, gestores, fornecedores, colaboradores e clientes, e fortalecer o sentimento de pertencimento dos sujeitos.

A natureza das organizações, as especificidades dos usuários, as legislações vigentes e as características dos documentos devem ser consideradas durante o planejamento de ações de mediação da leitura em ambientes organizacionais. A atividade de mediação da leitura, além de ter o viés educativo e cultural, também, deve cooperar para o desenvolvimento funcional da instituição. O arquivista, enquanto mediador da leitura pode atrelar as atividades leitoras às técnicas e instrumentos de gestão, uma vez que essas são habituais em corporações e em suas aplicações, percebe-se que é necessária uma interpretação por parte dos sujeitos dos fenômenos que podem interferir nas funções e atividades dos órgãos.

Um exemplo dessa integração é realizar uma atividade de mediação da leitura a partir da técnica de *brainstorming* (tempestade de ideias); em que se pode ter uma reunião com gestores e colaboradores para traçar soluções quanto ao acesso e apropriação da informação. A técnica de *brainstorming* será aplicada de forma que o grupo possa opinar e compartilhar ideias em relação à problemática, isso já pressupõe uma leitura crítica do ambiente. Desse modo, é possível verificar as percepções dos sujeitos no que tange ao acesso à informação e também inferir melhorias no relacionamento com os clientes, organização dos documentos e disponibilização das informações. Neste cenário, o arquivista terá uma concepção da comunicação interna e externa da organização. Assim, um gestor atento à mediação da leitura, fundamento em tal ação, poderá melhor direcionar os sujeitos para compartilharem suas leituras sobre si, relacionadas ao outro e ao ambiente, proporcionando que indicações de melhorias para empresa sejam pautadas em uma leitura crítica e consciente da realidade dos sujeitos.

Outro documento que se aproximou dessa discussão sobre mediação da leitura foi produzido por Wendy Duff, em 2016, intitulado *Mediação Arquivística*, que tratou sobre os serviços de referência em arquivos. A autora aborda os procedimentos da entrevista de referência realizados pelos arquivistas, momento em que o dialogismo e o acolhimento aos usuários são cruciais. É na entrevista de referência que os arquivistas compreenderão as demandas e as necessidades dos sujeitos e oferecerão a eles mecanismos de busca e acesso à informação. Neste momento, o arquivista fará uma leitura das informações compartilhadas pelo sujeito, além de ajudar o usuário-leitor a expressar o que de fato procura, pois, “[...] não só é possível que os usuários não saibam o que querem ou que precisam, como talvez eles sequer saibam traduzir esse conhecimento numa linguagem arquivística.”

(DUFF, 2016, p. 177). Diante disso, há uma negociação do arquivista com o usuário, de forma que o mesmo expresse sua vontade para que venha ter acesso e se apropriar da informação.

Ainda segundo a autora, os arquivistas realizam uma entrevista de saída para compreender a experiência do usuário, ou seja, o usuário irá expor as impressões de sua vivência no arquivo, de modo que o arquivista possa perceber se houve ou não apropriação da informação e, a partir disso, verificar se é necessário reorganizar a entrevista ou se é possível responder e fomentar outras necessidades. Nesses processos, observam-se indícios de mediação da leitura, tanto por parte dos profissionais quanto dos sujeitos que buscam sanar uma carência informacional. Tendo em vista, que haverá uma interação a partir da leitura dos agentes envolvidos, do espaço, das tecnologias e instrumentos de busca e do próprio documento, que norteará a postura do arquivista, como também possibilitará a interpretação dos sujeitos.

As atividades de mediação da leitura também fortalecem a responsabilidade social do arquivista e corroboram para o relacionamento desses profissionais com o sujeito leitor. Importa que o arquivista se reconheça como mediador da leitura ao realizar as funções e atividades arquivísticas, para que assim, atue conscientemente, de modo que possa favorecer o encontro do usuário com a informação.

Com base nas pesquisas citadas e por se reconhecer a importância do arquivista na mediação da leitura, justifica-se a realização deste trabalho, que consistiu em analisar como os arquivistas realizam atividades de mediação da leitura, no estado da Bahia, identificar os tipos de documentos utilizados nas atividades e como as ações de leitura são relacionadas às funções arquivísticas.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Em uma pesquisa científica faz-se necessária à adoção de métodos, pois por meio deles é possível elucidar a trajetória realizada para alcançar os objetivos do estudo. Segundo Marconi e Lakatos (2007, p. 83), método é “[...] o conjunto das atividades sistemáticas e racionais que, com maior segurança e economia, permite alcançar o objetivo – conhecimentos válidos e verdadeiros – traçando o caminho a ser seguido [...]” Nota-se a importância da escolha de métodos consistentes aos objetivos propostos na investigação. Nesta seção, tornam-se conhecidos os métodos, as técnicas, os instrumentos e os procedimentos de coleta e de análise dos resultados que nortearam este trabalho.

A pesquisa configura-se como exploratória, quanto ao procedimento, o método utilizado é o levantamento de campo, de acordo com Gil (2007, p. 70) “As pesquisas deste tipo se caracterizam pela interrogação direta das pessoas cujo comportamento se deseja conhecer.” Nesse sentido, este estudo obteve dados a partir de respostas junto aos arquivistas, para responder a seguinte **questão norteadora**: se e como os arquivistas vêm realizando atividades de mediação da leitura e como essas ações são associadas às funções arquivísticas? De forma a responder essa questão do estudo, foi traçado como **objetivo geral**: analisar como os arquivistas vêm realizando as atividades de mediação da leitura, quais os documentos utilizados e práticas realizadas, como também tais ações de leitura são relacionadas às funções arquivísticas.

Para atingir esse objetivo, foram traçados os seguintes **objetivos específicos**:

- a) mapear as atividades de mediação da leitura realizadas por arquivistas;
- b) levantar os documentos utilizados nas atividades de mediação da leitura;
- c) identificar quais as funções arquivísticas são associadas às atividades de mediação da leitura pelos profissionais de Arquivologia que as desenvolvem.

A fim de atingir os objetivos citados, foi realizado o detalhamento do método adotado, a definição do universo e parâmetros utilizados para a seleção da amostra, como também a descrição das técnicas, instrumentos, procedimentos para coleta de dados e tratamento dos resultados obtidos na pesquisa.

3.1 DELINEAMENTO DA PESQUISA

Na realização da investigação foi adotado o método levantamento de campo, para averiguar se e como os arquivistas desenvolvem as práticas de incentivo à leitura e quais funções arquivísticas são associadas às atividades de mediação da leitura. Nas subseções subsequentes, foram apontados os critérios de seleção da amostra, bem como as técnicas e os instrumentos de coleta dos dados que foram aplicados.

3.1.1 Universo e Amostra

O universo de investigação deste estudo foram os arquivistas do estado da Bahia, devido à extensão do número desses profissionais no estado, optou-se por estabelecer um recorte, portanto, adotou-se como amostra os arquivistas vinculados à Associação dos Arquivistas na Bahia (AABA). Essa associação de direito privado, de cunho profissional, científico, técnico e cultural, sem fins lucrativos, tem sua sede na cidade de Salvador, Bahia. No ano de 2022, durante o mês de abril, foram identificados 46 arquivistas associados à AABA. Esses 46 profissionais integram a amostra desta pesquisa, para quem foi encaminhado o questionário, conforme apresentado na subseção a seguir.

3.1.2 Técnicas e instrumentos de coleta de dados

Para mapear as atividades de leitura realizadas por arquivistas; levantar os tipos de documentos utilizados na mediação da leitura e identificar quais funções arquivísticas são associadas às atividades de mediação da leitura, na perspectiva dos profissionais de Arquivologia que as desenvolvem, foi utilizada a técnica de aplicação de questionário, tendo como instrumento o questionário (Apêndice A). Este instrumento foi criado no dispositivo disponibilizado pelo *Google (Google Forms)* e enviado para os endereços eletrônicos individuais dos profissionais que são sócios da AABA.

O questionário foi composto por oito perguntas, sendo 5 questões objetivas e 3 questões discursivas. Tais perguntas foram divididas em 4 categorias, a saber: realização das atividades de mediação da leitura; tipos de documentos utilizados

durante as atividades; funções arquivísticas associadas às práticas de leitura e procedimentos das atividades de leitura. Após a definição da técnica e instrumento para se alcançar os objetivos da pesquisa, deu-se início aos procedimentos de coleta de dados.

3.2 PROCEDIMENTOS DE COLETA DE DADOS

Para estabelecer uma comunicação com os arquivistas vinculados à AABA, inicialmente foi realizado um contato com a referida associação, para solicitar meios de aproximação em que fosse possível interagir e disponibilizar o questionário aos arquivistas associados. A partir do contato mediado pela AABA foi possível o envio por *e-mail* do questionário elaborado nesta pesquisa, tendo como possíveis respondentes os 46 arquivistas. Essa primeira fase da pesquisa teve início no dia 05 de abril de 2022 e foi concluída no dia 24 de maio de 2022, alcançando um total de 20 respondentes.

A partir desse primeiro contato com os arquivistas, houve um mapeamento das atividades de mediação da leitura, o levantamento dos documentos utilizados nas atividades e identificação das possíveis associações das atividades de mediação da leitura com as funções arquivísticas, havendo assim o alcance dos três objetivos. Nesta etapa, também constatou que 18 arquivistas realizam ou realizaram ações de incentivo à leitura, conforme dados apresentados e discutidos na próxima seção.

Com o cumprimento dessa etapa do estudo, procedeu-se à análise dos dados.

3.3 PROCEDIMENTOS PARA ANÁLISE DOS DADOS

As abordagens para análise dos dados foram quantitativa e qualitativa, pois se identificou e quantificou os arquivistas que realizam ou realizaram atividades de mediação da leitura. Além de quantificar as ações mediadoras que são desenvolvidas, os documentos utilizados nessas práticas, o uso das redes sociais na realização de atividades e a produção de registro a partir da prática de mediação da leitura.

Quanto à análise de duas questões discursivas, as variáveis da pesquisa se configuraram como categóricas, sendo assim, fez uso da análise qualitativa, para interpretação das respostas dos arquivistas sobre a percepção desses profissionais em relação à formação do sujeito leitor em decorrência das práticas de mediação da leitura e as dificuldades encontradas para realização das atividades.

Na análise das respostas dissertativas, portanto, segundo a abordagem qualitativa, foram identificadas as expressões produzidas pelos arquivistas que participaram da pesquisa que mais representaram as demais respostas, selecionando-as para que fossem apresentadas na análise e discussão dos resultados.

4 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Nesta seção, são apresentados e analisados os resultados referentes às atividades de mediação da leitura realizadas por arquivistas. Participaram desta pesquisa 20 arquivistas, todos associados à AABA. Os dados foram coletados através do questionário, sendo as perguntas formuladas de modo que se contemplou atividades já concluídas, como também em andamento, realizadas pelos participantes. Neste estudo não é evidenciado o local de atuação e nem o público-alvo das atividades realizadas por esses profissionais, informações referentes a esses assuntos foram compartilhadas de forma espontânea.

A partir do processo de coleta de dados foi possível atingir os objetivos específicos de mapear as atividades de mediação da leitura realizadas por arquivistas, levantar os documentos utilizados nas atividades de mediação da leitura e identificar quais funções arquivísticas são associadas com as atividades de mediação da leitura. Tais informações são apresentadas e discutidas nas próximas subseções.

4.1 ATIVIDADES DE MEDIAÇÃO DA LEITURA REALIZADAS POR ARQUIVISTAS

A percepção do arquivista, enquanto mediador da leitura, ainda está em construção, visto que a literatura científica ainda é incipiente sobre a atividade de mediação da leitura, portanto, oferecendo pouco embasamento para os profissionais, conforme foi discutido na seção referente a revisão da literatura. Por isso, a primeira pergunta objetiva deste questionário, foi com o intuito de verificar se os arquivistas participantes compreendiam que realizam ou realizaram alguma atividade de incentivo à leitura. Dessa maneira, 18 dos respondentes sinalizaram ter desenvolvido alguma atividade de leitura, enquanto 2 afirmaram que não realizaram.

Salienta-se que um (1) dos dois (2) participantes que indicou não ter realizado atividade de mediação da leitura, respondeu outras questões que confirmam sua vivência enquanto mediador (a) da leitura, portanto 19 respondentes contribuíram para a percepção da atuação do arquivista na prática de mediação da leitura. Esse dado é interessante, pois inferir-se que o questionário contribuiu para despertar nesse arquivista a tomada de consciência de uma atividade que realizava, mesmo sendo de maneira que não associava à mediação da leitura, haja vista que em um

primeiro momento afirma não realizar e depois informa dados referentes à tais práticas ligadas à leitura.

No Quadro 4, observam-se as atividades de mediação da leitura realizadas pelos respondentes.

Quadro 4 - Atividades de mediação da leitura realizadas por arquivistas

Atividades de mediação da leitura	Quantitativo de profissionais que realizam as atividades de mediação da leitura
Indicação de documentos/leitura	15 arquivistas
Apoio no esclarecimento de dúvidas de conteúdos de documentos arquivísticos	14 arquivistas
Fomento ao compartilhamento de narrativas, por exemplo, rodas de conversa, debates e discussões sobre temas diversos	10 arquivistas
Apresentação de documentos que compõe o acervo arquivístico	10 arquivistas
Narrativa sobre a história do arquivo e da instituição em que atua	9 arquivistas
Exposição de documentos com relato	5 arquivistas

Fonte: Elaborado pela autora com dados da pesquisa (2022).

Observa-se no Quadro 4 que as atividades de mediação da leitura realizadas por um número maior de arquivistas foram: a indicação de documentos (15 arquivistas) e apoio no esclarecimento de dúvidas de conteúdos de documentos arquivísticos (14 respondentes). Vale destacar a importância de tais atividades, visto que subsidiam a interpretação, como também a apropriação da informação por parte dos leitores, favorecendo que esses ampliem seus repertórios de conhecimento.

Destaca-se entre as atividades o fomento ao compartilhamento de narrativas, ação realizada por 10 arquivistas. Infere-se que essa ação possibilita uma leitura de si por parte do leitor e uma associação com o documento arquivístico, favorecendo que esse sujeito ressignifique seu entendimento sobre o arquivo e sobre a documentação, pois passa a atribuir sentido. Como também, tal ação coloca o leitor na centralidade da atividade arquivística, visto que ele também compartilha seu saber e auxilia outros sujeitos a ampliarem seus conhecimentos. Assim, essa atividade deve ser visibilizada, favorecendo que outros profissionais também possam desenvolver, segundo o perfil dos usuários e o ambiente que atuam.

A apresentação de documentos que compõem o acervo arquivístico, a narrativa sobre a história do arquivo e da instituição em que atuam, também foram indicadas de forma significativa, sendo a primeira praticada por 10 arquivistas e a segunda por 9 profissionais, também foi realizada por 5 arquivistas a exposição de documentos com relato. Essas três atividades de mediação da leitura guardam alguma semelhança, pois favorecem que os usuários possam ampliar sua leitura sobre o ambiente e o documento arquivístico, interpretando-os para além do que alcançaram em uma primeira leitura, pois com o apoio do arquivista e dos demais leitores podem alcançar informações que estão implícitas e ressignificar o olhar tanto para o documento quanto o arquivo.

Foi possível observar que 17 respondentes desenvolveram mais de uma atividade de mediação da leitura. Pontua-se que essas atividades implicam diretamente no processo de apropriação da informação dos sujeitos, como também é possível por meio delas estabelecer um diálogo para troca de ideias, saberes e experiências. É necessário que o arquivista pratique a escuta e a observação, para compreender as necessidades e atender as demandas dos usuários, articuladas as suas ações. Assim, as atividades de mediação da leitura tornam-se essenciais para o cumprimento da missão do arquivista, que vai além da disponibilização dos documentos, apoiando os sujeitos no acesso e na apropriação da informação para garantia de seus direitos.

Buscou-se ainda identificar se os arquivistas desenvolvem as atividades de mediação da leitura no ambiente virtual. O resultado dessa investigação indicou que os profissionais de Arquivologia em sua maioria não aderiram às redes sociais digitais para realizar as ações mediadoras, como mostra o Gráfico 1:

Gráfico 1 - Utilização das redes sociais para o incentivo da leitura

Fonte: Elaborado pela autora com dados da pesquisa (2022).

A partir da análise do Gráfico 1, pode-se perceber que ainda é um número pequeno dos arquivistas que vislumbra nas redes sociais uma oportunidade de ampliar e possibilitar a visibilidade e participação de leitores, para além daqueles que atuam de maneira presencial. As redes sociais digitais, como *facebook*, *blog*, *instagram*, entre outras, podem favorecer a ampliação de atividades que já são realizadas no ambiente físico dos arquivos, possibilitando que usuários/leitores de outros territórios possam compartilhar suas leituras e também terem acesso às informações trocadas por outros sujeitos, em um processo de crescimento mútuo.

Silva, Garcia, Silva e Araújo (2021) apontam a qualificação dos arquivistas em tecnologias digitais para inclusão e fortalecimento do relacionamento com os usuários, entendendo que a multiplicidade de dispositivos e a presença dos sujeitos nos ambientes digitais resultam em novos moldes de acesso à informação e atitudes dos profissionais. Assim, é importante que os arquivistas reflitam a necessidade de romper os limites físicos do arquivo, para a adoção de estratégias, técnicas e tecnologias para melhor realizarem as atividades de mediação da leitura, e ampliá-las para além do ambiente físico, com os leitores que não têm acesso a tais atividades de maneira presencial.

Diante do exposto, torna-se imprescindível a utilização de documentos que além de serem utilizados nos ambientes físicos também possam embasar atividades virtuais. Portanto, na próxima subseção são apresentados os documentos utilizados pelos arquivistas nas atividades de mediação da leitura, não apenas para verificar essa particularidade, como também para reconhecer os dispositivos que estão sendo adotados nas atividades mediadoras.

4.2 DOCUMENTOS UTILIZADOS POR ARQUIVISTAS NAS ATIVIDADES DE MEDIAÇÃO DA LEITURA

A terceira pergunta do questionário teve como objetivo identificar os documentos utilizados pelos arquivistas nas atividades de mediação da leitura. A pergunta remete ao sentido lato de documento, questões quanto à origem, unidade produtora e tipologia documental não foram consideradas. A questão quanto a essa temática foi de múltipla escolha, os respondentes tiveram a possibilidade de sinalizar 6 opções de documentos, se as opções não contemplassem as experiências dos participantes, eles poderiam indicar por escrito outro documento por eles utilizado nas ações mediadoras.

Para facilitar a análise e compreensão dos resultados os documentos sinalizados pelos arquivistas foram categorizados a partir do gênero documental classificados no *Dicionário Brasileiro de Terminologia Arquivística*, como mostra o Quadro 5:

Quadro 5 - Documentos utilizados por arquivistas em atividades de mediação da leitura categorizados conforme gênero documental

Gênero documental	Documentos	Número de respondentes
Textual	Cartas; partituras; recortes de jornais; relatórios, processos judiciais, regimentos, projetos de lei.	14 respondentes
Iconográfico	Fotografias.	10 respondentes
Cartográfico	Mapas.	02 respondentes
Eletrônico	Documento em suporte CD; documentos digitais.	03 respondentes
Audiovisual	Registros sonoros.	05 respondentes
Filmográfico	Vídeos.	02 respondentes

Fonte: Elaborado pela autora com dados da pesquisa (2022).

Como se pode observar no Quadro 5, os documentos textuais foram indicados por 14 arquivistas. Desse modo, o gênero documental textual é o que teve maior predominância nas ações de incentivo à leitura desenvolvidas pelos arquivistas que participaram desta pesquisa. Seguido do gênero iconográfico, com ênfase nas fotografias, esse documento foi recorrente em atividades realizadas por

10 participantes. Vale também destacar os documentos sonoros, que se enquadram no gênero audiovisual, e foram utilizados por 5 dos respondentes nas atividades mediadoras realizadas por eles.

Os documentos classificados quanto ao gênero eletrônico foram utilizados por 3 arquivistas e os documentos do gênero cartográfico e filmográfico foram utilizados por 2 arquivistas, respectivamente. Observa-se o uso de documentos que contém informações imagéticas e sonoras, como os documentos de gênero iconográfico, filmográfico e audiovisual em atividades de mediação da leitura realizadas por arquivistas, dado que se aproxima das reflexões apresentadas nos estudos de Martins (1988) em relação ao objeto mediado, que não é unicamente o escrito. Assim, o documento de arquivo é uma comprovação das diversas manifestações que o ser humano utiliza para comunicar suas atividades, idealizações, projetos e desejos, portanto, deve ser utilizado em atividades mediadoras que tenham o objetivo de ampliar o repertório informacional dos sujeitos por meio de ações leitoras que articulem a criatividade, criticidade e a arte de dialogar e compartilhar vivências entre sujeitos.

Além disso, 3 dos respondentes expressaram o uso de documentos tridimensionais (objetos, artefatos) em atividades de mediação da leitura. O resultado desta questão enfatiza o tratamento arquivístico de documentos não tradicionais; uma vez que esses tenham relação orgânica com os demais documentos que compõem o acervo. A mediação da leitura com documentos tridimensionais e a variedade de suportes dos documentos de arquivo tornam as atividades mais dinâmicas. Nessas circunstâncias, implica aproveitar as singularidades dos documentos, a fim de realizar uma ação em que todos os sujeitos compreendam e se apropriem de informações apresentadas por diferentes signos, proporcionando a inclusão social, visto que, a barreira da linguagem é rompida e os sujeitos podem ter acesso e se expressarem a partir da linguagem que os deixarem mais confortáveis no ambiente arquivístico.

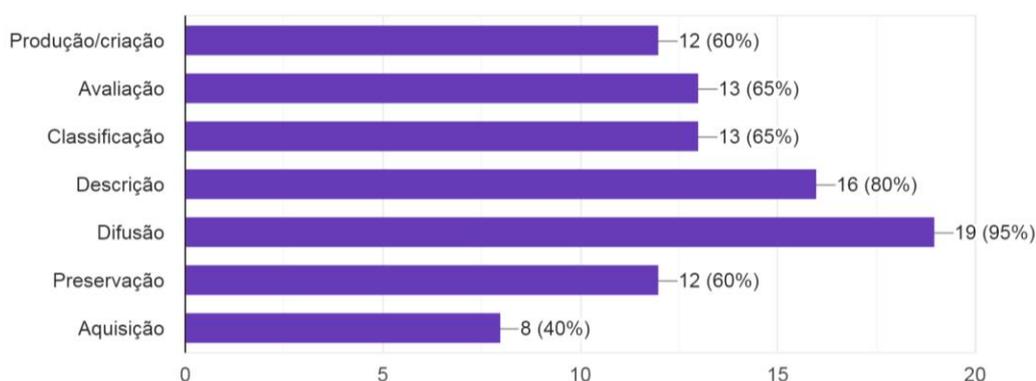
Para que os usuário-leitores se apropriem da informação, é necessário o acesso ao documento, a interpretação a partir do conteúdo desse documento, como também da própria dinâmica dos ambientes mediadores. Dessa maneira, é necessário observar os critérios legais e respeitar as políticas de acesso das organizações, existindo também a necessidade de que esses documentos passem por tratamento técnico e que se ofereçam instrumentos que proporcionem ao usuário

o acesso à informação. Posto isto, na subseção seguinte são retratados as funções arquivísticas que os participantes desta pesquisa relacionam às atividades de mediação da leitura, uma vez que, na concretização dessas funções implica que os arquivistas se posicionem enquanto mediadores da leitura.

4.3 PERCEPÇÃO DOS ARQUIVISTAS SOBRE A RELAÇÃO DA MEDIAÇÃO DA LEITURA COM AS FUNÇÕES ARQUIVÍSTICAS

No que tange ao objetivo referente a identificar quais as funções arquivísticas são associadas atividades de mediação da leitura, na perspectiva dos profissionais de Arquivologia que as desenvolvem, foi possível observar que 12 respondentes associam às atividades mediadoras da leitura à produção/criação de documentos, conforme demonstrado no Gráfico 2.

Gráfico 2 - Funções arquivísticas associadas às atividades de mediação da leitura



Fonte: Elaborado pela autora com dados da pesquisa (2022).

De acordo com análise do Gráfico 2, os arquivistas estabelecem uma maior associação das práticas de incentivo à leitura com a função arquivística difusão, sinalizada por 19 respondentes. Autores como Santos Neto e Bortolin (2020) afirmam que a atividade mediação “[...] está intrínseca nas ações arquivísticas e, portanto, é fundamental para que os profissionais reconheçam não apenas a sua interferência, mas o potencial de maior visibilidade para os arquivos.” Dessa maneira, sendo a difusão uma ação que possibilita a visibilidade do documento e ambiente arquivístico, como também de seu profissional, constata-se que a percepção dos respondentes está em consonância com a reflexão apresentada pelos autores. Assim, as atividades de mediação da leitura permitem que os

usuários possam se aproximar, criar e fortalecer uma relação de pertencimento com o arquivo, além de se apropriarem da informação, ressignificando a visão desses sujeitos para o documento e ambiente arquivístico, como também possibilitando que outros possam ter essa visão, por meio do compartilhamento de suas experiências.

Além de funções que requerem uma interação com os usuários, existem as funções cuja mediação é implícita, com isso em seu desenvolvimento essa interação não ocorre, entretanto, existe um processo dialógico e um compromisso com o desenvolvimento dos usuários. Em tais funções, os participantes desta pesquisa também indicaram uma relação com a mediação da leitura, associando com a descrição (16 profissionais); avaliação e classificação (13 profissionais); preservação (12 profissionais) e aquisição (8 profissionais). Por isso, nota-se que para além de atividades em que existe uma interação com os usuários, por exemplo, a difusão, os arquivistas também vêm realizando a mediação consciente da leitura em atividades que não há a presença imediata do usuário-leitor.

Pode-se entender que ao descrever os documentos, indicar para o usuário/leitor as informações encontradas nos documentos, de maneira representativa, esses profissionais reconhecem a potência do ato de ler e da mediação dessa ação, como também o fazem em outras funções arquivísticas, uma vez que, como declara Lousada (2017, p. 133), “[...] os arquivistas exercem um poder de interpretação sobre os documentos sob sua custódia, controlando e determinando o significado das fontes.” Como a autora denomina, os arquivistas são intérpretes, e suas leituras de mundo e do documento subscrevem o tratamento documental realizado por eles. Portanto, os instrumentos de pesquisa, a identificação, a seleção e avaliação dos documentos, as estratégias de preservação adotadas expressam interpretações dos arquivistas que interagem com as leituras dos usuários.

Dos arquivistas participantes, 7 associaram todas as funções arquivísticas às atividades de incentivo à leitura. Com isso, infere-se que mesmo as funções arquivísticas inerentes à gestão, organização, entre outras atividades em que o contato com o usuário é menor, quando comparado às atividades de difusão, por exemplo, esses mediadores compreendem a relevância da mediação da leitura que subsidiam a aproximação dos sujeitos com os documentos e as informações registradas.

Para além dos aspectos apresentados, os arquivistas que participaram desta pesquisa possuem experiências que foram compartilhadas no sentido de indicar perspectivas e possibilidades de associação das atividades mediadoras às ações que realizam no cotidiano profissional. Tais aspectos foram apresentados e discutidos na próxima subseção.

4.4 PERSPECTIVAS E POSSIBILIDADES DA MEDIAÇÃO DA LEITURA PARA O FORTALECIMENTO DAS ATIVIDADES REALIZADAS POR ARQUIVISTAS

A partir desta subseção são apresentados comentários elaborados pelos arquivistas que participaram desta pesquisa. Dessa maneira, para assegurar o sigilo da identidade desses participantes foram utilizados códigos, adotou-se então o termo “arquivista” seguido de número cardinal entre 1 (um) e 18 (dezoito), conforme a ordem dos respondentes apresentados no *Google Forms*. Salienta-se que 2, dos 20 participantes não responderam a questão que trata dos comentários analisados a seguir.

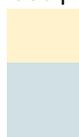
No Quadro 6 são apresentados os comentários referentes à percepção dos profissionais quanto à contribuição de suas atividades mediadoras para o desenvolvimento do ato de ler por parte dos usuários. Vale ressaltar que dos 18 respondentes, 2 deles apenas afirmaram positivamente sobre as atividades de mediação da leitura contribuírem com os usuários, 3 arquivistas indicaram não ter um retorno por parte dos usuários, portanto, não indicaram suas percepções sobre a questão. Por outro lado, 9 arquivistas além de confirmarem tal percepção também teceram comentários a partir da observação dos usuários e outros 4 profissionais além de afirmarem positivamente também associaram as contribuições das atividades de mediação da leitura com outras práticas arquivísticas, conforme pode ser observado no Quadro 6.

Quadro 6 - Comentários dos arquivistas sobre as atividades de mediação da leitura favorecerem o ato de ler por parte dos usuários

Arquivista	Resposta
Arquivista 4	Lido com pessoas da área de informática, percebi que o uso de scripts e relatórios em linguagens de programação os incentiva imensamente.
Arquivista 5	A busca pela interpretação e entendimento do contexto ou da gênese documental.
Arquivista 6	Sim, incentivou a busca por novas fontes de informação.
Arquivista 8	Sou arquivista, mas atualmente atuo como docente. Observo que o ato de ler contribui para uma maior apropriação da informação, tanto na prática arquivística quanto na docência. Nesse processo, acredito que a leitura estimula a criticidade e a reflexão.
Arquivista 11	Sim. As rodas de conversa com apresentação de documentos geram muitas perguntas sobre a metodologia empregada, e é a oportunidade de fazer as indicações de leitura sobre o assunto, sobre o caminho percorrido.
Arquivista 14	Sim. Temos lido muito sobre os aspectos éticos e legais dos arquivos de instituições hospitalares e as mudanças nas práticas de atendimento devido às exigências da legislação atual. Promover essas leituras está sendo um aprendizado e fomentou curiosidades por parte da equipe.
Arquivista 15	Sim. Por exemplo: ao apresentarmos aos usuários externos (clientes) legislações específicas que envolvam os documentos arquivísticos e incentivarmos com que eles leiam e compreendam tais legislações, o fluxo informacional no escritório de contabilidade (local que eu trabalho) se torna mais eficaz.
Arquivista 16	Sim. A leitura dos textos indicados possibilita o diálogo e discussões das temáticas apresentadas de modo a fazer com que os alunos reflitam e desenvolvam, de forma construtiva, o conhecimento acerca da área.
Arquivista 19	Sim. Para uma conferência do que é ouvido e para aprofundamento de questões nasce a curiosidade e o incentivo à leitura.
Arquivista 3	Sim, nossa área que fala muito sobre disseminação da informação deve colaborar para esta. Visto que a multiplicação de profissionais bem informados e atuantes será bom para a própria visibilidade da área.
Arquivista 13	Sim, a descrição arquivística e a posterior difusão das informações irão contribuir para a mediação da leitura.
Arquivista 17	Contribuiu para o desenvolvimento profissional, visto que a leitura integral e/ou instrumental dos documentos é indispensável no processo de gestão da informação arquivística, bem como na contribuição para o aprendizado a partir da fundamentação científica e legal, tornando o trabalho com resultados satisfatórios e de qualidade.
Arquivista 18	Recentemente realizei uma atividade com alunos do ensino médio no Núcleo de memória da Escola de Enfermagem UFBA. Apresentei documentos, fotografias. O objetivo do encontro foi promover o conhecimento da profissão de enfermagem e valorização do patrimônio e da memória da instituição.

Fonte: Elaborado pela autora com dados da pesquisa (2022).

Legenda:



Comentários sobre a observação dos leitores

Comentário associando as atividades de leitura com o fortalecimento e desempenho profissional e as funções arquivísticas

No que se refere aos comentários dos arquivistas a partir da observação dos usuários/leitores que eles interagem, pode-se notar que o exemplo apresentado pelo Arquivista 4 indica que o uso de documentos que apresentam linguagem específica incentiva a leitura, visto que esse Arquivista afirma que: *“Lido com pessoas da área de informática, percebi que o uso de scripts e relatórios em linguagens de programação os incentiva imensamente.”* Importa destacar que o contexto social em que os sujeitos estão inseridos é considerado no processo de leitura, como defendem Paulo Freire (1997) e Martins (1988). Neste cenário, está a formação profissional como um fator provável de direcionar vontades de leitura e pode ser um facilitador no processo de apropriação da informação, como também despertar e provocar outras leituras.

Os arquivistas 5, 6, 8, 11, enfatizam que percebem que as atividades de mediação da leitura estão associadas à busca e à apropriação da informação. Portanto, o arquivista enquanto mediador da informação deve estar atento à mediação da leitura, como ação que subsidia a apropriação da informação. Como posto pelos participantes da pesquisa, as práticas de mediação da leitura fomentam a curiosidade dos usuários/leitores que procuram por novas fontes de informação, sendo imprescindível instigar a necessidade informacional apresentada por eles, permitindo que o leitor usufrua das informações para produção de conhecimento e interpretação da sua e de outras realidades.

Os comentários registrados pelos arquivistas 14 e 19 trazem exemplos sobre reflexões de leitura, o que demonstra um potencial para o processo dialógico, na medida em que os agentes envolvidos nas atividades de mediação da leitura se posicionam, seja para apoiar a busca de informação, esclarecimento de dúvidas ou compartilhamento de suas experiências, correlacionadas com os documentos lidos. O dialogismo é fundamental para as trocas e encontros entre os sujeitos, é por meio dele que se estabelece a afetividade e acolhimento, que conduzirão para aproximação entre sujeitos e encontros entre diferentes vidas, sejam elas registradas em documentos ou aquelas que se ressignificam a partir desses dispositivos informacionais, criando caminhos, por meio da leitura, para a apropriação da informação que favorece a transformação de sujeitos e o alcance do protagonismo social.

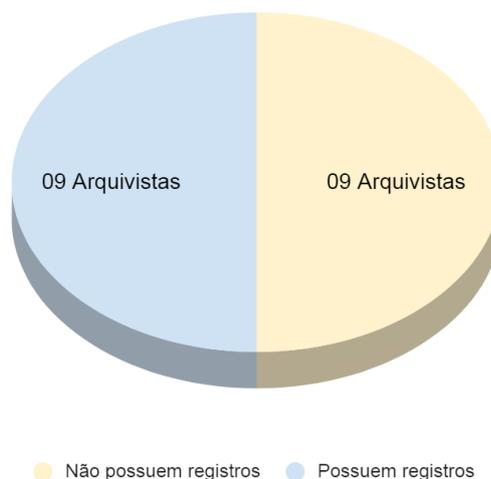
Com análise do posicionamento do Arquivista 15, verifica-se que as atividades de mediação da leitura contribuem para a eficácia do fluxo informacional

da instituição. Entendendo que o fluxo informacional é necessário para tomada de decisão, rede de relacionamento e comunicação, e realização dos processos e subprocessos organizacionais. Quando as atividades de mediação da leitura corroboram para melhoria do fluxo informacional, percebe-se o resultado delas para além de um viés educativo e cultural, mas sim estratégico para execução de atividades finalísticas.

Destaca-se também a resposta do Arquivista 16, que expõe sua experiência enquanto docente, ao afirmar que a leitura possibilita o processo dialógico, além da construção do conhecimento. Apesar de o comentário restringir a sua atuação ao ambiente acadêmico, percebe-se que o mesmo entende que a mediação da leitura possibilita a construção e o compartilhamento de informações e conhecimento.

Os arquivistas 3, 13, 17 e 18 expressaram suas experiências com enfoque no exercício profissional e possíveis contribuições das ações mediadoras. Mesmo essa perspectiva não sendo o objetivo da questão, nota-se que os arquivistas compreendem que as atividades de mediação da leitura interferem no fazer e visibilidade da área. Essa reflexão pode ser exemplificada com a resposta do Arquivista 18: *“Recentemente realizei uma atividade com alunos do ensino médio no Núcleo de memória da Escola de Enfermagem UFBA. Apresentei documentos, fotografias. O objetivo do encontro foi promover o conhecimento da profissão de enfermagem e valorização do patrimônio e da memória da instituição.”* Como visto anteriormente, a mediação da leitura potencializa a atuação e a execução das funções e atividades arquivísticas, como também fortalece uma ação humanizadora e atenta aos aspectos socioculturais por parte do profissional arquivista, de modo que esse pode contribuir com a formação dos leitores por meio do acesso, uso e apropriação da informação, favorecendo que aspectos identitários de si e do seu contexto sociocultural sejam (re)conhecidos.

Buscou-se ainda averiguar se os participantes da pesquisa possuem registros das atividades de mediação da leitura. Procedimento que permite a comprovação das ações, como também podem apresentar dados que colaborem para avaliação, planejamento e controle das atividades de mediação da leitura e nortear a execução de outras atividades e estudo de usuários. No Gráfico 3 verifica-se se os arquivistas registram ou não suas ações de incentivo à leitura.

Gráfico 03 - Existência de registro das atividades de mediação da leitura

Fonte: elaborado pela autora com dados da pesquisa (2022).

Como mostra o Gráfico acima, dos 18 respondentes, 9 possuem registros das atividades de mediação da leitura realizadas por eles. Enquanto 9 dos arquivistas apesar de praticar atividades de mediação da leitura não possuem documentos que contenham registros das ações. Pontua-se que os registros das atividades mediadoras apresentados pelos participantes são registros fotográficos, relatórios e questionários. Esses documentos são imprescindíveis para análise dessas atividades, de modo que os arquivistas possam redimensionar e ampliar práticas, além de favorecer o fortalecimento do desejo dos leitores em participarem da atividade de mediação da leitura.

O reconhecimento do arquivista enquanto mediador da leitura depende do posicionamento deste profissional como tal. No entanto, questões quanto à formação, a falta de visibilidade dos arquivos, a cultura organizacional e as particularidades dos documentos de arquivos são fatores que dificultam o desenvolvimento de atividades mediadoras por arquivistas. Campos (2022) em seu artigo intitulado *A trama e a urdidura: arquivo, informação e mediação*, destaca-se que a relação 'usuário – arquivo' apresenta complicações uma vez que os sujeitos não estão habituados a essas unidades de informação. O que torna a mediação um desafio para os arquivistas.

Diante disso, nesta pesquisa foi proposto aos participantes relatarem as dificuldades vivenciadas para realização das atividades de mediação da leitura. Os

dados que diz respeito a essa temática foram analisados e agrupados conforme 6 indicadores, como posto no Quadro 7:

Quadro 7 - Indicadores sobre a existência de dificuldades na realização das atividades de mediação da leitura

Indicadores	Arquivistas	Quantitativo de respostas
Não há dificuldades;	Arquivista 1; Arquivista 2; Arquivista 18	3 Arquivistas
Ausência de apoio institucional e cultura organizacional;	Arquivista 5; Arquivista 12; Arquivista 14; Arquivista 20	4 Arquivistas
Resistência, falta de interesse e falta de hábito dos sujeitos;	Arquivista 6; Arquivista 8; Arquivista 10; Arquivista 16; Arquivista 17; Arquivista 19	6 Arquivistas
Falta de material e especificidade dos documentos;	Arquivista 4; Arquivista 11; Arquivista 15	3 Arquivistas
Fragilidade no processo de formação;	Arquivista 3; Arquivista 9; Arquivista 13	3 Arquivistas
Manter uma periodicidade ou continuidade das atividades.	Arquivista 7	1 Arquivista

Fonte: elaborado pela autora com dados da pesquisa (2022).

Pode-se observar que 3 respondentes sinalizaram não ter vivenciado dificuldades na realização de atividades de mediação da leitura. O segundo indicador trata-se dos arquivistas que explicaram que a cultura organizacional da instituição em que atuam prejudica a realização de atividades de mediação da leitura. Essa problemática é relatada por 4 dos participantes, o Arquivista 12 expõe que *“Tratando de atividades de leitura no ambiente de trabalho, encontro bastante resistência por parte dos colegas de trabalho [...]”* A falta de apoio que os arquivistas encontram nas esferas das organizações dificulta a realização de atividades e até mesmo uma atuação mais proativa deste profissional. Neste cenário é preciso que o arquivista se posicione e por meio do diálogo e entrega de resultados, a fim de provocar a conscientização dos seus gestores e parceiros.

Vale ainda destacar que essa barreira pode estar associada ao entendimento, que muitos ainda possuem, do arquivo ser um ambiente restrito a custódia e a guarda dos documentos, como no paradigma tradicional indicado por Ribeiro (2004), não sendo necessária a busca pela dialogicidade que é a base de atividades que visam à interação com os leitores. Diante dos exemplos aqui apresentados, de

muitos arquivistas que desenvolvem atividades lúdicas e de interação por meio de práticas de leitura, ratifica-se que o arquivo é um ambiente mediador e dialógico, um espaço para o acolhimento e o debate, que deve ser reconhecido por favorecer o acesso à informação, como também contribuir ativamente para a apropriação da informação.

O terceiro indicador reuniu as respostas dos arquivistas que descreveram a falta de interesse, hábito e resistência dos usuários, totalizando 6 respondentes, esse foi o fator mais mencionado pelos participantes. O arquivista 8 afirma: "*A maior dificuldade acredito que seja a falta de hábito ou certa resistência demonstrada pelos sujeitos para a realização da leitura.*" Conforme refletido anteriormente, essa e as demais afirmativas apresentadas pelos arquivistas corroboram para indicar que ainda se mantém um entendimento do arquivo como um espaço apenas de acesso aos documentos. É preciso ressignificar a visão dos sujeitos para com os arquivos, demonstrar a contribuição desse ambiente para o desenvolvimento de práticas que envolvem o debate e a problematização de temas atuais que possuem vestígios em práticas sócio culturalmente enraizadas, como também, discutir sobre temas que envolvem setores em uma instituição, com base em dados advindos dos registros nos documentos organizados no acervo do arquivo, que podem subsidiar a tomada da decisão.

Nesse sentido, o Arquivista 19 reflete que:

Por serem expostas à leitura como algo obrigatório e encararem como um trabalho forçado de ler o que não lhes interessa, as pessoas perdem o prazer geral pela leitura, e essa é a maior dificuldade. Não são levadas a perceber que é prazeroso ler sobre assuntos que gostamos e a partir daí aumentar a gama de conteúdos ampliando o contato com essas atividades. Os problemas de visão também atrapalham.

É preciso que o arquivista apresente a leitura como ato de significação, de prazer e de (re)conhecimento, desmistificando que a leitura só é realizada como obrigação e de forma mecânica. Os arquivistas podem, por meio da mediação acolhedora e dinâmica, contemplar aspectos representativos dos sujeitos, de modo que eles sintam-se pertencentes ao ambiente arquivístico, possam associar a leitura às vivências cotidianas, percebendo que através da leitura suas concepções são ampliadas e esse é um ato relacionado a dinâmica da vida, ou seja, a todo momento o sujeito está realizando a leitura, conforme defende Paulo Freire (1997) ao refletir que a leitura do mundo precede a leitura da palavra.

Ainda sobre as dificuldades vivenciadas pelos arquivistas, salienta-se que 3 dos respondentes manifestaram que a falta de material e as especificidades dos documentos de arquivo dificultam a realização de atividades de mediação da leitura. O Arquivista 15 relata:

“Como atuo em um escritório de contabilidade, as leituras as quais devo incentivar seriam mais técnicas, como as de manuais e legislações. Essa linguagem mais técnica seria uma dificuldade tanto para mim (como mediador arquivista) quanto para os usuários (principalmente os externos - clientes).”

Os documentos de arquivos apresentam uma linguagem técnica, tendo em vista que são criados a partir de uma função. Diante disso, os arquivistas na realização das atividades mediadoras podem considerar essas singularidades, utilizando de recursos que tornem a linguagem mais acessível para os usuários. Importa-se atentar também na produção do documento, a fim de que a disposição das informações e as informações registradas possam ser interpretadas pelos usuários com clareza. Ao destacar a dificuldade também para o mediador, percebe-se a necessidade deste profissional ser leitor e que desde a graduação desenvolvam competências e um perfil que atenda as necessidades dos usuários.

Outra dificuldade apresentada é em relação à formação acadêmica, sendo indicada por 3 dos respondentes. Segundo Arquivista 3: *“As didáticas de ensino que me foram aplicadas na graduação não me possibilitaram o amor a leitura [...]”* Como relatou o participante, o déficit na formação refletiu na sua atuação enquanto mediador da leitura. Os currículos acadêmicos dos cursos de Arquivologia precisam contemplar áreas de estudo que estimulem a criticidade e criatividade dos discentes, para uma formação que ofereça subsídios para uma atuação humanizadora, inclusiva e cultural. É preciso que os arquivistas percebam que a leitura é crucial para o exercício da profissão e sua atuação como mediador da leitura é basilar e essencial, pois só por meio do ato de ler os sujeitos podem realizar o processo de apropriação da informação e construção do conhecimento.

Um respondente mencionou que encontra dificuldade de manter a periodicidade das atividades. O Arquivista 7 esclarece que *“Inserir essa atividade com uma atribuição e não uma atividade desenvolvida esporadicamente em projeto de extensão ou uma ação isolada sem vínculo com a função da arquivista.”* Faz-se necessário o reconhecimento do arquivista como mediador e o fortalecimento da

percepção da mediação da leitura a partir das funções do mesmo. As atividades de mediação da leitura, como apresenta o Arquivista 7, não podem ser esporádicas, devem ser ações planejadas e articuladas com o objetivo do arquivo, o perfil e a necessidade do usuário/leitor, de modo a ressignificar a visão que este possui do arquivo e do seu profissional, além de contribuir para a formação e desenvolvimento social desse sujeito leitor.

É preciso que a práxis dos arquivistas possibilite reflexões acerca da realização de atividades de mediação da leitura por esses profissionais, assim, pode-se traçar mecanismos para lidar com as dificuldades encontradas pelos arquivistas e favorecer que outros também passem a realizar atividades de mediação da leitura.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O paradigma pós-custodial possibilitou que os arquivistas se atentassem para que os usuários tivessem acesso à informação, alavancando a responsabilidade social deste profissional. A partir das novas demandas o perfil de atuação do arquivista foi sofrendo modificações e o mesmo passou atuar para além das funções e atividades de preservação e organização dos documentos. Com isso, a missão dos arquivistas é a salvaguarda dos documentos, garantindo que gerações futuras possam ter acesso à informação; a organização que favorece a rápida recuperação das informações que os usuários necessitam, como também o apoio ao acesso e ao processo de apropriação da informação por parte dos sujeitos. Assim, os arquivistas vão além das práticas voltadas exclusivamente aos documentos, visto que os sujeitos - sua formação e atuação social - podem ter a contribuição desse mediador para o alcance de seus objetivos, desejos e direitos.

Nesta pesquisa buscou-se compreender se os arquivistas realizam atividades de mediação da leitura, uma vez que tais ações possibilitam que os sujeitos se apropriem da informação e tenham suas necessidades informacionais compreendidas e atendidas. Dessa maneira, a análise dos resultados deste estudo sinalizou que parte significativa dos arquivistas participantes realizam atividades de mediação da leitura. Essas atividades reforçam o compromisso social dos arquivistas e os permitem possibilitar que os sujeitos ressignifiquem as instituições arquivísticas e os documentos de arquivo. Como também, contribuem na formação social dos sujeitos, na garantia de direitos, no uso da informação de forma estratégica, na atribuição de significados, nas interpretações pessoais e coletivas, e na comunicação e relacionamento desses sujeitos com o mundo e com o outro. Para isso, exige-se uma postura consciente dos arquivistas na realização de atividades de mediação da leitura e atenção quanto às diretrizes que regem as organizações em que eles atuam e as legislações e critérios adotados para acesso das informações por eles custodiadas.

Entre as atividades de mediação da leitura que teve maior destaque, pode ser citada a indicação de documentos/leitura que foi sinalizada por 15 arquivistas. Podem ser citadas outras atividades realizadas pelos arquivistas, a saber: o apoio no esclarecimento de dúvidas de conteúdos de documentos arquivísticos; o fomento ao compartilhamento de narrativas e a apresentação de documentos que compõem o

acervo arquivístico. Essas atividades contribuem para interpretação, apropriação da informação, ampliação de repertório informacional e ambiência das instituições arquivísticas, através do diálogo e troca de experiências. Faz-se necessário uma postura humanizadora e acolhedora dos arquivistas, para que assim os usuários possam interagir durante as atividades.

Os documentos utilizados pelos respondentes nessas ações mediadoras são, em sua maioria, de gênero documental textual (14 respondentes) e iconográfico (10 respondentes). O uso de documentos de arquivo em diferentes suportes reforça que o objeto usado nas atividades de mediação da leitura não se restringe a documentos bibliográficos, em especial, ao livro. Portanto, pode-se mediar a leitura com uma carta, com uma fotografia, com um mapa, com uma escultura. Os documentos de arquivos carregam registros comprobatórios e testemunhais com potenciais significativos para quem o gerou, para a instituição produtora e seus colaboradores, e a partir da classificação, avaliação e seleção são atribuídos valores que implicam para a sociedade em geral, fomentando a pesquisa e a produção de conhecimento.

Diante do exposto, entende-se que a mediação da leitura é uma ação que não se inicia no encontro do arquivista com o usuário, mas no exercício de suas funções e atividades, comportam-se de forma que os sujeitos se apropriem da informação e as atividades mediadoras venham ser realizadas com suporte dos instrumentos de pesquisa e gerenciamento de documentos, da organização dos acervos, da avaliação com olhar interdisciplinar, da definição de uma configuração dos documentos inteligíveis aos usuários, da digitalização com controle de qualidade das capturas dos documentos, da criação de um plano de preservação que garanta o acesso seguro aos documentos, a salvaguarda dos documentos de danos e sinistros e a manutenção destes documentos em longo prazo. Desse modo, em todas essas atividades permeia um processo de leitura e também tem como base um princípio de mediar a leitura para os sujeitos, portanto, entende-se que a mediação da leitura não é uma ação pontual ou isolada, é um processo que tem por objetivo favorecer a interpretação crítica por parte dos sujeitos, conduzindo-os para uma reflexão que apoie a conscientização de suas ações, com base na busca, acesso e apropriação da informação.

Com isso, buscou-se verificar se os arquivistas associam as atividades de mediação da leitura às funções arquivísticas. Salienta-se que 19 dos participantes associam a difusão com as atividades de mediação da leitura, seguido da descrição

(16 respondentes), classificação e avaliação (13 respondentes). Percebe-se que mesmo as discussões das funções e atividades arquivísticas na perspectiva da mediação da leitura estarem iniciando, os profissionais associam as ações mediadoras às suas práticas, e expandem para além daquelas em que há a presença dos usuários, ao associarem as atividades de mediação da leitura com funções em que não ocorrem com a participação direta dos usuários.

Ainda neste estudo, apresentou-se uma análise da percepção dos arquivistas quanto à contribuição das atividades de mediação da leitura no incentivo ao ato de ler por parte dos usuários. Os resultados são positivos e demonstram que 15 dos arquivistas participantes percebem que as atividades de leitura favorecem o ato de ler e promovem a curiosidade e criticidade dos sujeitos leitores. Entretanto, esses agentes mediadores identificam algumas dificuldades na realização dessas atividades, por exemplo, a falta de interesse dos sujeitos e a cultura organizacional. Tais barreiras para o desenvolvimento das atividades mediadoras podem ser dirimidas a partir de uma ação formativa, em que os arquivistas possam compartilhar e ter acesso a novas perspectivas sobre a mediação da leitura, contribuindo para a sensibilização organizacional que, de maneira coletiva, possa favorecer a realização das atividades mediadoras, conduzindo a uma ampliação da participação ativa dos sujeitos leitores.

Considerando esses resultados, sugere-se que futuras pesquisas verifiquem como as atividades de mediação da leitura realizadas por arquivistas contribuem para a formação dos sujeitos, como também os tipos e procedimentos adotados pelos arquivistas no desenvolvimento dessas ações. Assim, seria possível ampliar e fortalecer a percepção dos arquivistas como mediadores da leitura.

REFERÊNCIAS

ALDABALDE, T. V. A instituição arquivística também como lugar de cultura: a gestão do arquivo público estadual do espírito santo numa perspectiva cultural. *In*: ALDABALDE, T. V. **Mediação cultural em instituições arquivísticas**: o caso do Arquivo Público do Estado do Espírito Santo. 2015. 222 p. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Universidade de Brasília – UnB –; Universidade Federal do Espírito Santo – UFES. Brasília, 2015. p. 149 - 177. Disponível em: https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/19742/1/2015_TaiguaraVillelaAldabalde.pdf. Acesso em: 23 maio 2022.

ALMEIDA JÚNIOR, O. F. Mediação da Informação: um conceito atualizado. *In*: BORTOLIN, S.; SANTOS NETO, J. A.; SILVA, R. J (org.). **Mediação oral da informação e da leitura**. Londrina: ABECIN, 2015. p. 9-32.

ANNA, J. S. O arquivista como moderno profissional da informação: análise de competências à luz da literatura e da formação curricular. **Revista Digital de Biblioteconomia & Ciência da Informação**, v. 15, n. 2, p. 289-307, 2017.

Disponível em:

<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rdbci/article/view/8644523>. Acesso em: 24 mar. 2022.

ARQUIVO NACIONAL (BRASIL), **Dicionário brasileiro de terminologia arquivística**. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2005. Disponível em: <https://simagestao.com.br/wpcontent/uploads/2016/01/Dicionario-de-terminologia-arquivistica.pdf>. Acesso em: 10 jul. 2022.

BALBINO, G. M. S.; CHAGAS, C. A. Papel pedagógico do arquivista e sua inserção na difusão e mediação da informação. **Ágora**, v. 28, n. 57, p. 227-238, 2018.

Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/101428>. Acesso em: 25 maio 2022.

BRASIL. Lei nº 6.546, de 4 de julho de 1978. Dispõe sobre a regulamentação das profissões de Arquivista e de Técnico de Arquivo, e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 5 jul. 1978. Disponível em:

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/1970-1979/L6546.htm. Acesso em: 20 abr. 2022

BELLOTTO, H. L. **O Arquivista na sociedade contemporânea**. [2006]. Disponível em: <https://www.marilia.unesp.br/Home/Extensao/CEDHUM/texto01.pdf>. Acesso em: 25 maio 2022.

BELLOTTO, H. L. Da gênese à função: o documento de arquivo como informação e testemunho. *In*: FREITAS, L.; MARCONDES, C.; RODRIGUES, A. (org.).

Documento: gênese e contextos do uso. Niterói: EduFF, 2010. p. 161-174.

BELLOTTO, H. L. Difusão editorial, cultural e educativa em arquivos. *In*: BELLOTTO, H. L. **Arquivos permanentes**: tratamento documental. Rio de Janeiro: FGV, 2007a. p. 227-247.

BORTOLIN, S. Mediação e mediadores da leitura literária. *In*: BORTOLIN, S. **Mediação oral da literatura**: a voz dos bibliotecários lendo ou narrando. Orientador: Oswaldo Francisco Almeida Júnior. 2010. 234 p. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) - Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Marília, 2010. p. 107-117. Disponível em: https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/103349/bortolin_s_dr_mar.pdf?sequence=1&isAllowed=y. Acesso em: 01 ago. 2022.

BRANDÃO, G. S. A mediação da informação no contexto da arquivologia: atuação do arquivista e competências necessárias. **Archeion Online**, v. 10, n. Especial, p. 31-48, 2022. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/194405>. Acesso em: 08 maio 2022.

BRASIL. Lei nº 6.546, de 4 de julho de 1978. Dispõe sobre a regulamentação das profissões de Arquivista e de Técnico de Arquivo, e dá outras providências. 1978. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/1970-1979/L6546.htm. Acesso em: 20 abr. 2021.

CAMPOS, J. F. G. A trama e a urdidura: arquivo, informação, mediação. *In*: SILVEIRA, F.J.N.; FROTA, M.G. C.; MARQUES, R.M. (org.). **Informação, mediação e cultura**: teorias, métodos e pesquisas. Belo Horizonte: Letramento: PPGCI, 2022. p. 505-520.

DUCHEIN, M. O papel da arquivologia na sociedade de hoje. **Arquivo & Administração**, v. 6, n. 3, 1978. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/21397>. Acesso em: 24 abr. 2022.

DUARTE, Z. Arquivo e arquivista: conceituação e perfil profissional. **Revista da Faculdade de Letras: Ciência e Técnicas do Patrimônio**, Porto, 2007, v. 5-6, p. 141-151. Disponível em: <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/6624.pdf>. Acesso em: 03 maio 2022.

DUFF, W. M. Mediação arquivística. *In*: EASTWOOD, T.; MACNEIL, H. H. (org.). **Correntes atuais do pensamento arquivístico**. Belo Horizonte: UFMG, 2016. p. 171-202. ISBN 978-85-423-0163-2.

FREIRE, P. Primeira carta. *In*: FREIRE, P. **Professora sim, tia não**: cartas a quem ousa ensinar. São Paulo: Editora Olho d'Água, 1997. cap.2, p. 19-26.

GIL, Antônio Carlos. Delineamento da Pesquisa. *In*: GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. Ed. São Paulo: Editora Atlas, 2007. cap. 6, p. 64-74.

LEFFA, V. O conceito de leitura. *In*: LEFFA, V. **Aspectos da leitura**: uma perspectiva psicolinguística. Porto Alegre: Sagra - DC Luzzatto, 1996. cap. 1, p. 9-24.

LOUSADA, M. Interlocuções entre a mediação da informação e a Arquivologia. *In*: LOUSADA, Mariana. **A mediação na teoria arquivística**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2017, p. 103 -141.

MARCONI, M. de A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2009.

MARTINS, M. H. **O que é leitura**. 9. ed. São Paulo: Brasiliense, 1988. E-book (46 p.). ISBN 85-11-01074-2. Disponível em: <https://pt.scribd.com/doc/30652716/O-que-e-Leitura-Maria-Helena-Martins>. Acesso em: 10 jul. 2022.

MÜLLER, M. S.; VALENTIM, M. L. P.; FORTES, L. C.; GONÇALVES, C. D. R.; SIMON, C. G. B.; CASTRO, R. A. A. Curso de arquivologia da UEL: consolidação de uma parceria. **Informação & Informação**, v. 2, n. 1, p. 45-66, 1997. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/33466>. Acesso em: 24 abr. 2022.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Parecer CNE/CES 492/2001. Diretrizes Curriculares Nacionais dos cursos de Filosofia, História, Geografia, Serviço Social, Comunicação Social, Ciências Sociais, Letras, Biblioteconomia, Arquivologia e Museologia. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 09 jul. 2001. Seção 1, p.50. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CES0492.pdf>. Acesso em: 24 abr. 2022.

PEREIRA, D. B.; SILVA, E. P. Funções arquivísticas: caracterizando finalidades de instituições de arquivo. **Ágora**, v. 29, n. 58, p. 1-22, 2019. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/112488>. Acesso em: 08 maio 2022.

PINA, P.; SAMPAIO, D. Textos, leitores, literatura(s)...ler, hoje? **Revista Augustus**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 30, p. 58-65, ago. 2010.

RIBEIRO, F. A arquivística como disciplina aplicada no campo da ciência da informação. **Perspectivas em Gestão & Conhecimento**, v. 1, n. 1, p. 59-73, 2011. Disponível em: <http://www.biblionline.ufpb.br/ojs2/index.php/pgc/article/view/9887>. Acesso em: 09 abr. 2022.

RIBEIRO, F. **O perfil profissional do arquivista na Sociedade da Informação. 2004**. Disponível em: <https://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/artigo8871.PDF>. Acesso em: 09 abr. 2022.

SANTOS NETO, J. A. D.; BORTOLIN, S. Mediação e difusão em arquivos: inter-relações teóricas. **Informação em Pauta**, Fortaleza, v. 5, n. 1, p. 144-161, 2020. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/141887>. Acesso em: 11 ago. 2022.

SANTOS, V. B. Gênero documental na arquivística: revisitando o conceito. **Revista do Arquivo Público do Estado do Espírito Santo**, Vitória, v. 2, n. 4, p. 54-66, jul./dez. 2018. Disponível em: https://ape.es.gov.br/Media/ape/PDF/Revista_APEES_numero_4.pdf. Acesso em: 10 jul. 2022.

SILVA, A. C. B. M.; GARCIA, J. C. R.; SILVA, D. V.; ARAUJO, C. S. Responsabilidade social do arquivista. **Informação & Informação**, Londrina, v. 26, n. 2, p. 287-305, 2021. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/161873>. Acesso em: 08 maio 2022.

SILVA JUNIOR, J. E.; DUARTE, E. N. Competência em informação (COINFO): nuances trazidas pelo paradigma pós-custodial ao profissional arquivista na atualidade. **Perspectivas em Gestão & Conhecimento**, v. 10, n. 2, p. 22-41, 2020. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/148597>. Acesso em: 28 jun. 2022.

SOUSA, A. C. M.; SANTOS, R. R.; JESUS, I. P. Mediação da cultura, da informação e da leitura para o protagonismo social. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, v. 16, p. 1-20, 2020. Disponível em: <https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/view/1333/1226>. Acesso em: 01 ago. 2022.

APÊNDICE A - Questionário para mapeamento dos arquivistas vinculados a AABA que realiza/realizou atividades de incentivo à leitura

Olá! Sou Gisele Meneses, estou cursando o 7º semestre do curso de Arquivologia na Universidade Federal da Bahia (UFBA). Gostaria de te convidar para participar deste questionário, a fim de contribuir com o meu Trabalho de Conclusão de Curso, realizado sob a orientação da Profa. Dra Raquel do Rosário Santos, intitulado Perspectivas e possibilidades de atividades de mediação da leitura realizadas por arquivistas, cujo objetivo é analisar como os arquivistas vêm realizando as atividades de mediação da leitura, quais os documentos utilizados e práticas realizadas, como também tais ações de leitura são relacionadas às funções arquivísticas.

Atendendo aos parâmetros éticos da pesquisa, indicamos que ao responder este questionário você está ciente e concorda com a utilização das respostas no Trabalho de Conclusão de Curso e em demais textos científicos produzidos pelas pesquisadoras. Salientamos que os dados referentes a sua identidade não serão divulgados.

Agradecemos desde já sua atenção e participação nesta pesquisa.

Nome

E-mail

1-Você realiza/realizou alguma atividade que envolve e incentiva a leitura?

Sim Não

2- Caso a resposta anterior seja positiva, quais as atividades de incentivo à leitura você realiza/realizou:

Indicação de documentos;

Apoio no esclarecimento de dúvidas de conteúdos de documentos arquivísticos;

Fomento ao compartilhamentos de narrativas;

Apresentação de documentos que compõe o acervo arquivístico;

Narrativa sobre a história do arquivo e da instituição em que atua;

Exposição de documentos com relato;

Outras.

3 - Quais documentos foram utilizados nas atividades de incentivo à leitura?

- Cartas;
- Fotografia;
- Mapas;
- Partitura;
- Documentos sonoros;
- Documentos tridimensionais;
- Outros.

4 - Você notou alguma atividade no arquivo que favoreceu o ato de ler por parte dos usuários? Comente.

5 - Quais funções arquivísticas você associa com as práticas de incentivo à leitura?

- Produção/criação
- Classificação
- Avaliação
- Descrição
- Difusão
- Preservação
- Aquisição

6 - Você possui algum registro das atividades de mediação da leitura realizadas, exemplo, relatório, fotografias etc?

7 - Você utiliza alguma rede social (*instagram, facebook, twitter* etc) para o incentivo à leitura? Comente a resposta na opção "Outros".

8 - Quais as dificuldades que você vivenciou (ou vivencia) na realização de atividades de leitura?